



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



A “novidade” do movimento indígena latino-americano

Um sujeito submetido ao objeto

Redes sociais são grupos de atores

As faces de Deus, segundo Saramago

A atualidade de Karl Rahner

299

Ano IX  
06.07.2009  
ISSN 1981-8469

# Editorial



Nesta primeira semana de julho, a revista IHU On-Line debate vários temas da atualidade.

A força e a novidade do movimento indígena na atual conjuntura latino-americana são abordadas por **Paulino Montejo**, representante da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, **Ponciano Acosta**, coordenador da Equipe Nacional de Pastoral Aborígene (Endepa), da Argentina, e pelas seguintes lideranças indígenas: **Arelys Midi**, líder indígena do Pueblo Ngöbe, do Panamá, **Matías Mejia Miguel**, do povo Garífuna de Honduras, e **Mariana Yumbay**, do Povo Waranka, do Equador.

**Antonio Manzatto**, professor da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, reflete sobre a relação entre Teologia e Literatura e **Salma Ferraz**, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), descreve as diversas faces de Deus manifestadas na obra literária de José Saramago.

O psicanalista e psiquiatra belga **Jean-Louis Chassaing**, por sua vez, continuando o debate da edição número 298, intitulada *Desejo e Violência*, reflete sobre o “sujeito pós-moderno”, que, ao se pensar não frustrado, mas privado de, “perde a sua capacidade de sujeito – sub jectum, submetido (a linguagem) – para tornar-se, ele próprio, ‘submetido’ a objeto, no sentido do direito romano, regido por corpos”.

**Chassaing** participará, nos dias 14 e 15 de agosto, do **Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?**, promovido pelo IHU e que será realizado em Porto Alegre.

Uma entrevista com **Ann Riggs**, teóloga americana, sobre a atualidade do pensamento teológico de Karl Rahner, com **Victor Codina**, teólogo boliviano, sobre os 50 anos da Conferência dos Religiosos da América Latina - CLAR e com **Raquel Recuero**, professora da Universidade Católica de Pelotas - UCPEL, sobre as redes sociais na Internet, título do livro que acaba de publicar, completam a edição.

A todas e todos uma ótima leitura e uma excelente semana!

## Leia nesta edição

PÁGINA 02 | Editorial

» Entrevistas

PÁGINA 04 | Antonio Manzatto: Literatura, Teologia e Antropologia: um diálogo sobre o ser humano

PÁGINA 07 | Salma Ferraz: Quais são as faces de Deus?

PÁGINA 09 | Ann Riggs: O pensamento de Rahner no catolicismo

PÁGINA 13 | Víctor Codina: Vocação religiosa: mais mística e mais profética

PÁGINA 15 | Paulino Montejo: O ressurgimento dos povos indígenas na América Latina

PÁGINA 18 | Ponciano Acosta: Povos indígenas: inspiração para um modelo social alternativo

PÁGINA 20 | Depoimentos: Relatos da força indígena da América Latina

PÁGINA 22 | Jean-Louis Chassaing: Um sujeito submetido ao objeto

PÁGINA 27 | Raquel Recuero: Redes sociais são grupos de atores

» Destaques On-Line

PÁGINA 29 | Destaques On-Line

» IHU Repórter

PÁGINA 33 | Gisele Rodrigues da Silva Ferrasso

SÃO LEOPOLDO, 06 DE JULHO DE 2009 | EDIÇÃO 299

## Literatura, Teologia e Antropologia: um diálogo sobre o ser humano

Para que Teologia e Literatura possam dialogar, é preciso um terreno comum. A Antropologia pode ser esse caminho, sugere o professor Antonio Manzatto, da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção

POR PATRICIA FACHIN

**S**em serem transformadas, Teologia e Literatura se aproximam porque ambas têm o humano como centro de seu estudo, aponta o teólogo Antonio Manzatto, um dos iniciadores deste assunto no Brasil, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Ele argumenta que a “virada antropológica do século XX, sobretudo depois de Rahner, colocou a Teologia nesse caminho”. Segundo Manzatto, a Literatura é um dos meios para que a Teologia conheça a realidade do ser humano. “A aproximação com a Literatura brasileira faz com que a Teologia conheça o universo no qual se move o ser humano brasileiro, e então o conheça melhor”, argumenta.

Manzatto é doutor em Teologia, pela Universidade Católica de Lovaina, Bélgica, com a tese *Teologia e Literatura. Uma reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado* (1993). Além de lecionar na Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, ele também é professor convidado da Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Lovaina. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - De que maneira Teologia e Literatura se aproximam pela Antropologia? Que relações o senhor estabelece entre essas três áreas?**

**Antonio Manzatto** - Teologia e Literatura são dois mundos diferentes. Existe, claro, proximidade entre elas, e mesmo algum parentesco, talvez, por exemplo, pelo fato de que elas trabalham com palavras. Aliás, em Teologia Cristã, o centro é habitado pela Palavra encarnada. Há também a questão das narrações, presentes na Literatura e na Teologia, já que ambas as têm no seu âmago. Mesmo a questão da beleza pode aproximá-las, uma vez que a Teologia também se interessa pelo belo e o contempla, reconhecendo aí um possível caminho de acesso a Deus. Sobre tudo a poesia contribui nesse sentido, até porque nela sempre foi vista uma certa possibilidade religiosa. Enfim, são muitos os pontos de proximidade entre uma e outra. Mas elas trabalham, inclusive, de maneiras diferentes: a Teologia é ciência, e quer sê-la;

a Literatura é arte. Isso as constitui, e de forma diferente. Existe, portanto, também, uma grande distância entre uma e outra. Aproximá-las é um risco, pois se pode atentar contra a identidade de uma e outra.

A Literatura, por exemplo, não pode se resumir a ser veículo de transmissão de uma mensagem pré-definida. Não teríamos mais arte, mas apenas o interesse de apresentar de forma, digamos, lúdica, uma mensagem que poderia ser afirmada de outras maneiras, mas o fazemos pela Literatura por ser mais fácil de “fazer passar a mensagem”. É o que os meios de comunicação atuais fazem pela publicidade. Nesse caso, a Literatura não seria mais Literatura, mas mera peça de propaganda.

Por outro lado, a Teologia não é apenas expressão ou transmissão de tradições; ela quer ser crítica, racional, e por isso trabalha com conceitos, ainda que imprecisos, e tem como referência o dado da fé. A Literatura, em

suas múltiplas formas de apresentação do mundo, pode chegar a transformar, até mesmo falsificar, as afirmações de fé, pois a arte se afirma pela liberdade de imagens. Se fosse assim, já não teríamos Teologia, mas simples afirmações ilusórias, ficções no sentido antigo da palavra.

Daí é preciso pensar em aproximar Teologia e Literatura sem transformar uma na outra, mas respeitando suas formas de ser, que são diferentes. Falo em aproximação porque isso vem antes do diálogo, que se estabelece na sequência, após a afirmação da identidade de cada uma.

Para que se aproximem e dialoguem, é preciso um terreno comum. Podem existir vários, diversas formas, então, de reunir Teologia e Literatura. Aqui faço a opção pela Antropologia. De um lado, porque me parece que uma e outra têm o humano como centro: a virada antropológica do século XX, sobretudo depois de Rahner,<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Sobre o teólogo Karl Rahner, confira a edi-

colocou a Teologia nesse caminho. A Literatura, por sua vez, sabe, depois de muito tempo, que seu assunto é o humano. Os discursos diferentes da Teologia e da Literatura encontram-se ao pensar a significação do humano, e creio que, então, podem dialogar sobre e a partir daí.

### **IHU On-Line - Em que sentido a Antropologia e a Literatura interferem e influenciam o diálogo teológico com a sociedade?**

**Antonio Manzatto** - Há que se ver como a Teologia se coloca no diálogo com a sociedade, o mundo, as artes, as ciências. Há que se pensar mesmo na questão da linguagem. Aliás, nesse sentido, temos problemas, e não poucos, com a linguagem teológica, pois, na maioria das vezes, ela é metafórica. Aliás, a linguagem metafórica é própria da Literatura, sem que se constitua em seu monopólio. A Teologia, o sabemos bem, é ciência “à sua maneira”, no sentido de não seguir o parâmetro de cientificidade das ciências ditas exatas e de utilizar a linguagem conceitual de forma não simplesmente descritiva. Estamos acostumados, por exemplo, a dizer que “Deus é pai”; mas isso é uma metáfora, da mesma forma que dizer que “os rios são as veias da terra”. Portanto, há que se ver a questão da linguagem teológica em sua aproximação com as artes e as ciências.

E é preciso ver como a Teologia se coloca em um possível diálogo com o mundo e a sociedade. Não foram poucas as vezes na história em que a Teologia, ou seu correspondente discurso religioso, se colocaram acima dos demais, ditando, ou querendo ditar, ao mundo, o tipo de comportamento que deveria ser adotado, e as ciências o tipo de conhecimento que devia ser cultivado. Mesmo na questão das artes, não é tão distante assim no tempo o hábito de colocar obras no “index”, pois não se conformam à maneira religiosa de pensar. Não é preciso muito esforço para lembrarmos de filmes, por exemplo, condenados pela religião, porque atentam contra suas “verdades

ção 297, de 15-6-2009, intitulada *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23). (Nota da IHU On-Line)

fundamentais”. E isso não é monopólio do Cristianismo.

Assim, quando falamos em diálogo da Teologia com a sociedade é preciso perguntar como ela se coloca nesse diálogo. E também o reverso da moeda, ou seja, como os outros campos sociais, das ciências e das artes, se colocam no diálogo com a Teologia. Porque já houve tempos na história em que, simplesmente, não se quis ouvir o discurso religioso ou teológico, acusando-o de falso, arbitrário e outros adjetivos negativos. Até muitos religiosos negaram-se a um verdadeiro diálogo com a sociedade com a desculpa de que “não querem mesmo nos ouvir”. Aliás, atualmente, se procede

## **“Mesmo a questão da beleza pode aproximá-las, uma vez que a Teologia também se interessa pelo belo e o contempla, reconhecendo aí um possível caminho de acesso a Deus”**

de maneira análoga quando se permite que a religião ocupe espaço nos meios de comunicação ou na universidade, optando por guardá-la dentro de certo “regionalismo hermenêutico”. Ou seja, interessa ao religioso, mas não à sociedade.

A Teologia, que é o nosso caso, não precisa ditar ao mundo como ele deve ser, mas também não precisa se calar. Ela pode participar do diálogo social como parte interessada em construir o humano e a sociedade. Existem outros discursos, provindos de outros horizontes, que também participam desse debate. A Literatura pode ser um destes discursos, e então configurar-se como interlocutora da Teologia, já que ela apresenta uma visão de mundo, assim

como a Antropologia, e outros mais.

**IHU On-Line - Durante séculos, a arte é utilizada pela Teologia para transmitir uma mensagem. Como, no mundo contemporâneo, a Teologia pode se utilizar da Literatura para se comunicar com a sociedade?**

**Antonio Manzatto** - É verdade, todas as artes o foram: a arquitetura, o cinema, a pintura, etc. Podem, talvez, continuar sendo. Temos apreço por uma Literatura, digamos, religiosa: poemas que são verdadeiras orações, narrativas edificantes, e assim por diante. O mesmo acontece com outras artes, como o cinema, a televisão, etc. Ao mesmo tempo em que nos alegramos com as artes com cores religiosas, nos indignamos com aquela que é mais “mundana”. Sim, porque poemas não falam só de “enlevação da alma”, mas falam de outras coisas também: do corpo da amada, do sofrimento dos negros, da pedra no meio do caminho. A arte é tanto mais arte quanto mais gratuita for, ou seja, quando não for elaborada buscando outros objetivos que não fosse a simples admiração pela beleza. Assim, arte não se define pela mensagem. Daí que a Literatura não poderá ser vista apenas como veículo de transmissão de uma verdade já definida de antemão, ainda que seja uma verdade da fé.

Embora reconheça que pode haver certa legitimidade em utilizar a arte para se comunicar com a sociedade, creio que este não é o bom caminho para uma aproximação entre Teologia e Literatura. Esta não é serva daquela, nem vice-versa. Um discurso teológico travestido de literário será má Teologia e péssima Literatura.

**IHU On-Line - Em que sentido os romances brasileiros de modo geral e, em específico, a obra de Jorge Amado, ao apresentar o cotidiano do homem pobre e subdesenvolvido, auxiliam a Teologia a compreender a realidade, a essência do ser humano e a transformar esses históricos?**

**Antonio Manzatto** - A arte é expressão do humano. E a Literatura, como arte, sempre o será. Não é apenas expressão de uma convicção, de um pensamento ou de uma ideologia, mas expressão do

ser humano vivo. É o humano que aparece na Literatura, quaisquer que sejam os estilos ou histórias. Quando lemos uma obra literária, qualquer que seja, inclusive o *Cântico dos Cânticos*, o que percebemos é uma “antropofania”, se posso assim dizer. Há o humano afirmado e construído na obra literária. É assim também com os romances brasileiros, os de Jorge Amado,<sup>2</sup> por exemplo, ou outros autores nacionais.

A Teologia pode, então, conhecer esse ser humano. Ele não será muito parecido com aquele que encontramos pela rua, mas também não será muito diferente. A Literatura trabalha com imagens e com o imaginário, mas sempre estará em relação com o seu contexto: toda obra é contextualizada não apenas na vida do autor, mas na vida da sociedade. Os romances nacionais, portanto, apresentarão o ser humano brasileiro: o que é e o que não é, o que quer ser e o que é chamado a ser, o que pode e o que deve ser.

Onde a Teologia vai conhecer o ser humano brasileiro? Talvez na rua, talvez nas análises científicas, talvez nos ensaios conceituais ou nas Igrejas, mas, com certeza, na Literatura. A aproximação com a Literatura brasileira faz com que a Teologia conheça o universo no qual se move o ser humano brasileiro, e então o conheça melhor. Claro que a Literatura, os romances especificamente, não constitui a única possibilidade de aproximação e de compreensão desse ser humano, mas é um caminho possível. Dizer que é possível aproximar Teologia e Literatura não é dizer que é preciso fazê-lo, embora sempre se enumere o quanto uma e outra teriam a ganhar com tal aproximação.

### IHU On-Line - Como a imagem de homem apresentada pela Literatura

<sup>2</sup> Jorge Amado (1912-2001): escritor baiano, nascido em Itabuna. Escreveu dezenas de livros, entre romances, novelas, literatura infanto-juvenil, poesia, contos, relatos autobiográficos, peças de teatro, guias de viagem e documentos políticos e de oratória. De suas obras, destacamos *Capitães da Areia* (1936), *Gabriela Cravo e Canela* (1958), *Tenda dos Milagres* (1969) e *Tieta do Agreste* (1977), todas estas adaptadas para a televisão. (Nota da IHU On-Line)

### Amadiana constrói uma concepção de Deus? E que concepção é essa?

**Antonio Manzatto** - Aqui realmente estamos no centro da questão que interessa à Teologia. Por que, finalmente, fazer a aproximação com a Literatura? O que se tem a ganhar com isso? A Teologia faz um discurso a partir da fé e sobre Deus; se já temos a Revelação, os estudos e ensaios teológicos e as manifestações do magistério, o que vamos fazer com a Literatura? Não será coisa de desocupados? Claro, todo mundo gosta de ler alguma obra literária nas férias, ou nos momentos de descanso, mas fazer Teologia com isso? Pois bem. Claro que o assunto da Teologia é e sempre será Deus e sua Revelação vistos a partir da fé. Não há que mudar isso. A aproximação com a Literatura deverá, então, contemplar essa questão para que possa interessar à Teologia. Mas o interesse não será, primeiramente, pelas obras literárias que já têm elementos teológicos. Histórias sobre padres, bispos, igrejas, santos, ou sobre pecados e revelações não terão tanto interesse para a Teologia, simplesmente porque elas são influenciadas pela Teologia, pelo pensamento religioso. Tal pensamento, o encontramos diretamente, digamos, dentro da própria Teologia, sem que seja preciso fazer o desvio pela Literatura para o encontrarmos. Daí que o interesse será maior pelas obras “profanas” ou mesmo “pagãs”. Qual a concepção de ser humano que se encontra nessas obras? Nas religiosas a gente já sabe: é a compreensão religiosa; mas e nas outras?

Aqui chegamos na compreensão de ser humano, que chamo de Antropologia. Mas não é esse propriamente o terreno da Teologia, mas sim aquele de Deus. E como chegar até lá? Ora, a tradição cristã afirma Deus revelando-se na história, no ambiente humano, em situações humanas, no ser humano. O caminho da revelação de Deus é o próprio humano: “Felipe, quem me viu, viu o Pai!” A questão é, então, ver a qual Deus corresponde aquela “imagem e semelhança” que é o ser humano apresentado na Literatura; ou, dito de outra maneira, qual a compreensão de Deus possível a partir daquele hu-

mano apresentado pela Literatura, e se isso ajunta algo àquilo que podemos conhecer de Deus ou já conhecemos pela Revelação cristã.

Esse processo não é diferente do que aquele que fazemos quando lemos a Escritura, por exemplo. Ali também nos deparamos com obras literárias que falam do humano, de sua vida e de suas situações, e do Deus que pode ser conhecido a partir dali.

### IHU On-Line - A obra de Jorge Amado ainda exprime a realidade brasileira e os caminhos teológicos seguidos no Brasil?

**Antonio Manzatto** - Claro que Amado, em suas obras, não se perguntava muito pelos caminhos teológicos trilhados no Brasil, mas sua obra, incontestavelmente, retrata a realidade e o povo brasileiro. Sim, sua obra é de determinado tempo e contexto, mas tem características de “universalidade”. Só pode ser universal aquilo que é particular, disso sabemos bem. Amado sabe captar a “alma brasileira” a partir de suas histórias baianas, e daí afirmar verdades humanas que são universais. Sendo assim, sua obra permanece atual, e continua sendo estudada por tantos e tantas que querem conhecer melhor o “jeito de ser” nacional.

### IHU On-Line - Quais as possibilidades e limitações da Teologia, hoje, no sentido de renovar a fé dos cristãos?

**Antonio Manzatto** - Claro que a Teologia tem também uma dimensão missionária. Ela não é simples elucubração mental, nem tem como finalidade uma satisfação narcisista de se ver bela ou apologeticamente defender suas posições. Seu discurso é também missionário, sem ser proselitista, na medida em que dá “as razões da esperança”. É bem esse o trabalho teológico, as “razões”. Trata-se, pois, de um discurso racional, diferente de outros discursos religiosos que podem ser simplesmente emocionais ou de outra ordem. A Teologia parte da fé e quer ser sua compreensão. E creio que aqui reside sua força: ajudar os crentes a entender melhor o que creem para creem mais e melhor. Mas a Teologia não é o único discurso religioso, e nem o Cris-

tianismo é a única religião presente no mundo atualmente.

Creio que, para ser Teologia e para servir a Igreja, ela deverá continuar a ser crítica, inclusive crítica de si mesma. Sua função não é a de simplesmente repetir as verdades cridas, mas explicitar-lhes o sentido, inclusive o vivencial. Afirmar o que é absoluto e relativizar os relativos, para que não aconteça de se absolutizar o relativo, o que seria idolatria.

**IHU On-Line - Podemos falar em pós-metafísica? Nessa nova perspectiva, qual é o papel da Teologia, da Literatura e da Antropologia?**

**Antonio Manzatto** - Todo discurso de “pós” é meio perigoso, porque não se tem claro do que se fala. Pós-modernidade, pós-metafísica, pós-cristãos, a que nos referimos com esse pós? Ao conjunto ou a certas compreensões? Quando se fala em pós-metafísica, falamos em “não ter nenhuma metafísica” ou de ultrapassar “certa compreensão de metafísica”? Isso é, sobretudo, importante quando se começa a falar em pós-cristianismo: é ultrapassar certa historicização do cristianismo ou qualquer cristianismo?

De qualquer maneira, é verdade que, no Brasil especificamente, e na América Latina de maneira geral, não tivemos na história grandes filósofos ou grandes metafísicos. A visão de mundo dos brasileiros não é expressa através de sistemas filosóficos, como é o caso da Europa, mas através de obras literárias. Temos, sim, grandes literatos, poetas e romancistas, contadores de histórias de muito talento. Nessas histórias aparece o ser humano brasileiro, que pode ser caminho da Revelação de Deus. Vale a pena, então, debruçar-se sobre essas histórias, para conhecer melhor esse Deus e poder anunciá-lo.

#### LEIA MAIS...

>> Teologia e Literatura já foram assuntos de destaque em outra edição da IHU On-Line. Elas estão disponíveis no sítio do IHU.

Edição:

\* *O belo e o verdadeiro. A tensa e mútua relação entre literatura e teologia.* Edição número 251, de 17-3-2008, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23).

## Quais são as faces de Deus?

Salma Ferraz, professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), comenta as percepções do escritor José Saramago em relação a Deus

POR PATRICIA FACHIN | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

“Sua obra é uma catedral, ao longo da qual ele vai metodicamente desconstruindo a concepção judaico-cristã de um Deus justo e bondoso”, avalia a crítica literária e ensaísta Salma Ferraz, referindo-se à obra de José

Saramago. Conhecido por questionar a existência de Deus, o escritor português é fascinado pelo tema e, segundo a autora, “apaixonado pela Teologia e pelos personagens bíblicos em geral”. Em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, Salma explica que tal admiração se justifica pelo fato do autor estar “imerso numa cultura que foi moldada pela ideia de Deus que está impregnada no DNA da civilização Ocidental”. E enfatiza: “Isto seduz Saramago e faz com que ele produza, a partir desta ideia, as melhores páginas da literatura universal contemporânea”.

Salma Ferraz graduou-se em Letras, pela Faculdade Hebraico Brasileira Renascença de Letras, de São Paulo, e especializou-se em Literatura Brasileira e Literatura Infantil, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É mestre e doutora em Literatura Portuguesa, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Atualmente, é professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e atua no Programa de Pós-Graduação de Literatura com a linha de Pesquisa Teopóética – Os Estudos Comparados entre Teologia e Literatura. Entre seus livros, citamos *O Quinto Evangelista* (Brasília: UNB, 1998), *As Faces de Deus na Obra de um Ateu* (Juiz de Fora: UFJF, 2004) e *No princípio era Deus e ele se fez Poesia* (Acre: UFAC, 2008). Confira a entrevista.



**IHU On-Line - Como José Saramago relaciona Teologia e Literatura em sua obra?**

**Salma Ferraz** - Digamos que Saramago é apaixonado pela Teologia e pelos personagens bíblicos em geral. Mas é especificamente na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo* que ele mergulha profundamente em assuntos teológicos, permitindo que Jesus, ficcionalmente, dê a sua versão dos fatos. E a versão de Saramago para os Evangelhos é muito diferente dos Evangelhos do Novo Testamento.

**IHU On-Line - De que maneira Deus se faz presente na obra de José Saramago? E que Deus é esse?**

**Salma Ferraz** - Ao longo de sua obra, ele vai apontando perfis de Deus que o incomodam. Em *Terra do Pecado*, seu primeiro romance, critica um Deus que não gosta de prazer e de sexo; em *Memorial do Convento*, critica aqueles que edificam grandes catedrais para Deus; na peça de teatro *In Nomine Dei*, critica as guerras que se fazem em nome de Deus. Finalmente em *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, Saramago questiona o

## “O Deus bíblico se aceita pela fé enquanto o Deus da Literatura tem seu caráter e justiça questionados”

Deus de Amor que deixa que seu único filho seja crucificado e que não concede o perdão a Lúcifer.

**IHU On-Line - Saramago empenha-se em desconstruir a concepção judaico-cristã de Deus. Que outras facetas o escritor ateu revela sobre Deus?**

**Salma Ferraz** - Sua obra é uma catedral, ao longo da qual ele vai metodicamente desconstruindo a concepção judaico-cristã de um Deus justo e bondoso. As facetas reveladas apontam um Deus egoísta, que oferece seu filho único como sacrifício, não perdoa Lúcifer e castiga mais os justos do que os injustos.

**IHU On-Line - Considerando que Saramago não acredita em Deus, qual é, para a senhora, a sedução que a discussão divina exerce sobre o autor?**

**Salma Ferraz** - Mesmo sendo ateu, Saramago está imerso numa cultura que foi moldada pela ideia de Deus que está impregnada no DNA da civilização Ocidental. Você pode ser ateu, mas conhece a ideia de Deus. Isso seduz Saramago e faz com que ele produza, a partir desta ideia, as melhores páginas da literatura universal contemporânea.

**IHU On-Line - Qual é a sua leitura da interpretação de Saramago sobre Deus?**

**Salma Ferraz** - Para mim, o autor é seduzido pela ideia de Deus. Esta imagem, este personagem, esta entidade, provoca no autor uma mistura de admiração e angústia. Ele se comporta como se fosse uma espécie de quinto evangelista, que por meio da ficção é capaz de dar sua versão para os fatos.

**IHU On-Line - Podemos identificar na obra de Saramago uma crítica ao Cristianismo?**

**Salma Ferraz** - Sim. Para ele, o Cristianismo já nasceu com uma das mais violentas e sangrentas imagens da história da humanidade: Jesus pendurado numa cruz. Eu também questiono o fato de que a imagem que perdurou no Cristianismo foi a de Jesus crucificado e não a de Jesus ressuscitado.

Voltando a Saramago, ele critica as mortes causadas pelo Cristianismo. No seu livro *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, ele faz um dicionário tétrico de todos os mortos em nome da fé. É de assustar.

**IHU On-Line - Na obra *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, o autor apresenta Jesus a partir de uma perspectiva anti-religiosa. O que, na sua opinião, justifica o empenho de romancistas em revisitar e construir uma nova leitura sobre os textos bíblicos?**

**Salma Ferraz** - Os personagens bíblicos são riquíssimos. Veja José vendido por seus irmãos, observe Moisés enfrentando o faraó, contemple Jó questionando a justiça de Deus. Aliás, a exegese que mostra Jó como uma pessoa humilde é errônea. Jó questiona a justiça de Deus e Deus se irrita, mostrando seu poder. Outro exemplo de riqueza e silêncio econômico é o episódio de Abraão e o sacrifício de Isaac. O texto bíblico é muito econômico nos detalhes. Que pensou Isaac quando seu pai levantou o cutelo? Como foi a vida dos dois depois disso? Esta riqueza faz com que estes personagens migrem das páginas da Bíblia para a ficção.

**IHU On-Line - Para Saramago, Deus é culpado também pelos problemas da humanidade. Assim, ele apresenta um Deus humano?**

**Salma Ferraz** - Para Saramago, os únicos deuses são os pobres seres humanos, anjos aleijados sem possibilidade nenhuma de levantar voo. Para ele, esta vida, só esta, já é muito trágica para que os humanos se preocupem com o que virá depois. Tudo o mais é muito pesado e angustiante.

**IHU On-Line - A Literatura pode influenciar a percepção das pessoas sobre Deus?**

**Salma Ferraz** - A Literatura faz perguntas para as quais a Teologia não tem resposta. Por que sofremos? Qual o futuro dos humanos? O Deus bíblico não é o mesmo da Literatura. O Deus bíblico se aceita pela fé enquanto o Deus da Literatura tem seu caráter e justiça questionados.

**PARTICIPE DO IHU IDEIAS.**

**NAS QUINTAS-FEIRAS, DAS 17H30MIN ÀS 19H, NA SALA 1G 119 - IHU.**

## O pensamento de Rahner no catolicismo

Segundo a teóloga Ann Riggs, Rahner reconhece que se pode encontrar santidade autêntica nas pessoas que não reconheceram Cristo

POR PATRICIA FACHIN E MOISÉS SBARDELOTTO | TRADUÇÃO WALTER O. SCHLUPP | FOTO DIVULGAÇÃO

“A visão de modernidade de Rahner muito se aproxima daquilo que os acadêmicos hoje chamam de pós-modernidade”, aponta a teóloga Ann Riggs, em entrevista concedida por e-mail com exclusividade à IHU On-Line. Segundo ela, Rahner visualizava o cristão do futuro como um ser místico e também eclesial. “Ele constantemente se referia à situação vigente, na qual o cristianismo de um modo geral e a Igreja em particular tinham perdido sua posição como premissa geral na cultura mais ampla.” Para Ann, ser cristão hoje é desfrutar de um componente místico, “ter a convicção pessoal de que a pessoa de Cristo representa um caminho autêntico para a felicidade nesta vida e para a possibilidade de salvação eterna”.

Ainda nesta entrevista, que dá continuidade ao debate da edição número 297, de 15-06-2009, intitulada *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, a teóloga afirma o desafio percebido por Rahner: “o surgimento de uma ‘Igreja mundial’, o deslocamento do ‘centro da gravidade’ do cristianismo da Europa para os hemisférios oriental e meridional”.

Ann Riggs é doutora, pela School of Religious Studies, Catholic University of America. Ela é coautora, com Jeffrey Gros e Eamon McManus, de *Introduction to Ecumenism* (Paulist Press, 1998) e coeditora com Fernando Enns e Scott Holland, de *Peace-Theology and Culture in a Globalized World from the Perspective of the Historic Peace Churches* (2003). Também é membro da Catholic Theological Society of America e editora do jornal *Quaker Theology* e professora da Duke University. Confira a entrevista.



**IHU On-Line - Passados 25 anos do falecimento de Rahner, qual a importância do seu pensamento na atual conjuntura da Igreja?**

**Ann Riggs** - O pensamento de Rahner parece ter-se infiltrado em muitos aspectos do pensamento católico, tanto doutrinal quanto catequético. Por exemplo, quando leio material catequético sobre os sacramentos, boa parte parece repercutir os princípios de Rahner, segundo os quais o evento sacramental é um encontro pessoal com a palavra de Deus, embora esse encontro também nos aconteça de muitas outras maneiras na vida. Um efeito importante dos sacramentos é o de ajudar os fiéis a encontrarem Deus em outros aspectos da vida, “encontrarem Deus em todas as coisas”, como ele o formularia em sua espiritualidade jesuítica.

O pensamento de Rahner também

ganhou influência no papel da Igreja na economia da salvação. A Igreja está fundada sobre o mistério de que todos vêm a conhecer a Deus em amor e liberdade, de que a graça nunca pode ser forçada, que todo encontro humano que ocorra em verdade, amor e liberdade sempre é um encontro com Deus, mesmo que não seja reconhecido como tal. Suas expressões “cristão anônimo” e “cristianismo anônimo” não são muito usadas; mas existe uma aceitação geral da ideia de que valores cristãos reais podem ser implementados sem referência explícita à salvação em Jesus Cristo. Gerações anteriores falavam de um “batismo do desejo” para as pessoas que estão fora da Igreja, isto é, que, se as pessoas conhecessem o valor do batismo, elas o buscariam. A abordagem de Rahner reconhece que se pode encontrar santidade autêntica

nas pessoas que não reconheceram Cristo, porém sem desvalorizar o batismo como caminho normal e mais explícito para a salvação.

**IHU On-Line - Para Rahner, quais eram os desafios prementes para o cristianismo do século XX?**

**Ann Riggs** - Para ele, o cristão do futuro (na perspectiva da época em que ele viveu) seria místico e também eclesial. Ele constantemente se referia à situação vigente, na qual o cristianismo de um modo geral e a Igreja em particular tinham perdido sua posição como premissa geral na cultura mais ampla. Ele estava certo; hoje em dia o cristianismo é um sistema de fé entre outros. Ser cristão, hoje, significa ter convicção pessoal de que a pessoa de Cristo representa um caminho autêntico para a felicidade nesta vida e para a possibilidade

de salvação eterna na próxima. Este é o componente “místico”: quando alguém realmente “encontrou” a Cristo, como o expressam cristãos evangélicos. A plenitude desse encontro ocorre em comunidade, no culto conjunto, no apoio contínuo para a vivência cristã, no cuidado recíproco e no serviço mútuo. Assim sendo, a expressão autêntica da mensagem cristã está vinculada àquelas instituições cuja tarefa explícita é proclamá-la. Esta é a parte “eclesial”. Atualmente, os sociólogos caracterizam a religião como artigo de consumo: ao procurar lugares e pessoas que dão a expressão adequada a seus anseios espirituais pessoais, as pessoas procedem como quando vão “fazer compras”. Até mesmo católicos hoje em dia “pulam de comunidade em comunidade” (“parish shop” or “parish hop”) na busca por uma comunidade que lhes dê apoio bem como uma liturgia e pregação que seja enriquecedora.

Outro desafio percebido por Rahner foi o surgimento de uma “Igreja mundial”, o deslocamento do “centro de gravidade” do cristianismo, por assim dizer, da Europa para os hemisférios oriental e meridional. Embora o papa atual seja europeu, especula-se cada vez mais sobre um primeiro papa africano. As transformações globais não se limitam ao mundo dos negócios! Como entidade internacional, a Igreja Católica está muito exposta a esses efeitos.

### IHU On-Line - Qual foi a influência e quais as principais contribuições de Rahner para o Concílio Vaticano II e para o diálogo entre a modernidade e a teologia?

**Ann Riggs** - Na Karl Rahner Society,<sup>1</sup> apresentou-se uma palestra sobre algumas notas de Rahner em resposta a uma das primeiras propostas de formulação da *Gaudium et Spes*,<sup>2</sup> a Cons-

<sup>1</sup> Mais informações sobre a Karl Rahner Society podem ser obtidas na página <http://www.krs.stjohnsem.edu/>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> *Gaudium et Spes*: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, cons-

## “Será que precisa ser explicitamente cristão para ser reconhecido como cristão?”

tituição Pastoral da Igreja e o Mundo Moderno. Embora muitas vezes se pense que Rahner estivesse demasiadamente tomado pelo moderno ideal do progresso, naquelas notas ele expressa preocupação sobre o que percebia como sendo um tom excessivamente otimista naquele documento; essa crítica tem sido feita inclusive sobre a versão final que acabou sendo promulgada. Infelizmente, não estou tão familiarizada com a influência pessoal de Rahner sobre outros documentos, mas ele teve considerável influência teológica no tocante a ideias centrais em outros documentos. Uma delas foi a questão da liberdade religiosa (um distanciamento da atitude comum entre teólogos romanos, segundo a qual “erro não tem direitos”); já mencionei a visão da Igreja baseada no mistério da vontade salvífica de Deus, em lugar da concepção jurídica da Igreja como instituição e autoridade proveniente diretamente do Jesus histórico.

Rahner reconheceu que o mundo moderno seria muito mais pluralista que o mundo da Europa ocidental, onde a Igreja mais se sentira em casa. De certa maneira, a visão de modernidade de Rahner muito se aproxima daquilo que os acadêmicos hoje chamam de pós-modernidade; a noção de “concupiscência gnosiológica” observa uma pluralidade irreduzível de irreconciliáveis categorias de pensamento e modos de pensar no mundo. Isso aí é o material básico da pós-modernidade, ao passo que a modernidade acreditava numa racionalidade

titui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o número 157 da IHU On-Line, de 26-09-2005, disponível em <http://www.unisinos.br/ihuon-line/uploads/edicoes/1158347304.81pdf.pdf>, intitulada *Há lugar para a Igreja na sociedade contemporânea? Gaudium et Spes: 40 anos*. (Nota da IHU On-Line)

humana universal, que permitiria progresso humano cada vez maior.

**IHU On-Line - A senhora acredita que as ideias teológicas de Rahner foram assimiladas pela teologia de um modo geral? Como ele é encarado na teologia de hoje? Quais teólogos continuam usando suas ideias como base para seus estudos atuais?**

**Ann Riggs** - Penso que a ideia geral de Rahner sobre uma conexão intrínseca entre a teologia e a experiência passou a ser vista como algo óbvio. Sua maneira de falar sobre a experiência de Deus como localizado no horizonte transcendental da experiência parece não ter muita aceitação atualmente. Talvez a ênfase sobre a experiência humana tenha levado a um deslocamento no método teológico, ao menos nos EUA, onde métodos científicos usados em história e sociologia têm-se tornado importantes no fazer teológico. Rahner foi criticado por seu aluno, Johann Baptist Metz,<sup>3</sup> por não levar a sério o contexto político ao fazer teologia; esta tem sido uma crítica recorrente, de que a teologia de Rahner é demasiadamente desencarnada e deficiente de contextualização histórica. Em contrapartida, outros teólogos constataram que os princípios formais de Rahner permitem fazer justamente isto. O filósofo Andrew Tallon usa Levinas<sup>4</sup> para

<sup>3</sup> **Johann Baptist Metz**: teólogo alemão. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15 de abril de 2002 e reproduzimos um artigo escrito por ocasião do 60º aniversário de Karl Rahner, publicado como introdução, no livro *Gott in Welt. Festgabe für Karl Rahner*, na edição de nº. 102, de 24 de maio de 2004. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **Emmanuel Lévinas** (1906-1995): filósofo lituano, nascido na cidade de Kaunas (ou Kovno), de descendência judaica e naturalizado francês, bastante influenciado pela fenomenologia de Edmund Husserl, de quem foi tradutor, assim como pelas obras de Martin Heidegger. Seu pensamento parte da ideia de que a ética, e não a ontologia, é a Filosofia primeira. É no face-a-face humano que se irrompe todo sentido. Diante do rosto do Outro, o sujeito se descobre responsável e lhe vem à ideia o Infinito. Sobre Lévinas, confira a entrevista concedida em 30-08-2007, por Rafael Haddock-Lobo, com exclusividade ao site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, intitulada *Lévinas: justiça à sua filosofia e a relação com Heidegger, Husserl e Derrida*. Leia, também, a edição 277 da revista IHU On-Line, de 13-10-2008, intitulada *Lévinas e a majestade do Outro*. (Nota da IHU On-Line)

resgatar o conceito de “coração” em Rahner, de que a dinâmica do agente rahneriano envolve mais do que compreensão intelectual, no sentido de tentar alcançar o Mistério Absoluto. Miguel Diaz<sup>5</sup> usa Rahner em seu estudo sobre teólogos/as latinos/as nos EUA. Outros teólogos/as da libertação (políticos e feministas) recorreram a ideias de Rahner. Um livro recente, *Rahner Beyond Rahner*, mostra como o interesse pelo pensamento de Rahner aparece em lugares surpreendentes como a China comunista. O pensamento de Rahner está sendo usado por acadêmicos como Michael J. Himes<sup>6</sup> e David Coffey.

Outra área que tem encontrado ampla aceitação é a ideia de símbolo em Rahner, de que a expressão simbólica está radicada na realidade que ela expressa. Não existe algo como “apenas um símbolo”, embora por vezes ainda se ouça isto da parte de pregadores católicos a exagerarem diferenças entre as ideias católicas e protestantes sobre os sacramentos. Pelo menos entre teólogos não mais se considera inadequada a caracterização de sacramentos como expressões simbólicas do amor de Deus.

**IHU On-Line - Como a senhora compararia as teologias de Rahner e de Ratzinger?**

**Ann Riggs** - Desde os seus primórdios, particularmente desde seu afloramento como parte do *establishment* cultural no século IV, o cristianismo sempre teve uma postura ambivalente em relação à cultura do seu entorno. No final da Antiguidade, um observador do cristianismo escreveu que se podia encontrar cristãos por toda a parte, embora não reivindicassem nenhuma terra específica como sua. Ao lidar com os grupos nativos e pagãos, inicialmente durante a evangelização

<sup>5</sup> Miguel Diaz: teólogo cubano, foi recentemente nomeado por Barack Obama como embaixador junto à Santa Sé. Leciona teologia na St. John's University e no College of Saint Benedict, no Minnesota. É autor de vários livros, entre os quais *On Being Human: U.S. Hispanic and Rahnerian Perspectives* e *From the Heart of Our People: Explorations in Catholic Systematic Theology*. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Michael J. Himes: sacerdote da diocese do Brooklyn, em Nova Iorque, é professor de teologia no Boston College. (Nota da IHU On-Line)

da Europa e, depois, do Novo Mundo e do Extremo Oriente, eles demonstraram essa mesma ambivalência: por um lado, manter aquilo da cultura nativa que parecesse adaptável ao cristianismo; por outro, eliminar práticas religiosas “falsas” e garantir que o cristianismo fosse firmemente implantado. A mesma hesitação entre dois pólos observamos hoje em dia; teologicamente ela está visível nas teologias de Karl Rahner e Hans Urs von Balthasar.<sup>7</sup> Rahner enfatiza a humanidade universal que nos une todos como criaturas de Deus, e enxerga mais atuação do Espírito no funcionamento do mundo fora do cristianismo

“De que outra  
maneira os cristãos  
poderiam reconhecer  
o que é bom e santo  
em não-cristãos, senão  
através da lente dos  
nossos próprios valores  
de bondade  
e santidade?”

explícito. Já Balthasar enfatiza o risco de o cristianismo capitular diante do mundo moderno de um modo que

<sup>7</sup> Hans Urs Von Balthasar (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patrístico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se *O cristianismo e a angústia* (1951), *O mistério das origens* (1957), *O problema de Deus no homem atual* (1958) e *Teologia da história* (1959). A edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, Jorge Luis Borges. *A virtude da ironia na sala de espera do mistério* publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica, disponível no link <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158343116.57pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

ameace valores centrais, encarando, desta maneira, a modernidade como a *Cordula*, o “momento” do testemunho cristão, da disposição para o martírio. Ratzinger, na qualidade de Papa Bento XVI, por vezes parece ter mais afinidade com Rahner (como em sua primeira encíclica *Deus caritas est*), ao mesmo tempo em que, com maior frequência, apresenta uma suspeita mais balthasariana (na verdade, agostiniana) em relação ao caos e ao nihilismo, que estão espreitando atrás da porta, por assim dizer. Rahner acreditava que todas as tentativas humanas de explicar o mistério cristão do Deus triúno e a salvação proporcionada à humanidade em Jesus Cristo seriam provisórias, em última análise, a ser eclipsadas pela realidade do Mistério Absoluto. Enquanto Rahner acreditava que essas explicações históricas sejam necessárias sempre e em todos os lugares, não acredito que concordaria que a implementação específica do cristianismo como ela se apresenta na linguagem e nas estruturas da Igreja Romana transcenderia em si mesma todas as (outras) culturas, como Ratzinger tem alegado.

**IHU On-line - Em sua opinião, será que Rahner ainda oferece respostas e possibilidades para uma sociedade de cultura pós-moderna? Por quê?**

**Ann Riggs** - Penso que o trabalho de Rahner pode ser uma fonte de respostas e possibilidades; Rahner em si não quereria ser lido simplesmente para dentro de um contexto histórico e cultural diferente. Ele levava muito a sério a concupiscência gnosiológica, isto é, a incomensurabilidade de diferentes sistemas de pensar. As obras de Rahner, em sua primeira fase, mais filosóficas (*Geist in Welt* e *Hörer des Wortes*), foram lidas no contexto da época, ditado pelo neoescolástica, a qual presume que primeiro você estudaria filosofia, o que lhe proporcionaria um conhecimento seguro e natural sobre Deus; depois você faria teologia, que explicaria as verdades da revelação em termos daquela filosofia. Hoje em dia, porém, muitos acadêmicos mais jovens estão lendo Rahner de forma bem diferente, no sentido de que a sua filosofia emana-

ria da sua teologia, e não o inverso; que seu “fundamento” metafísico é, na verdade, Mistério Absoluto; que seu método, em última análise, é cristológico, não filosófico. Outro aspecto do trabalho de Rahner que está recebendo maior atenção do que antes é seu “turn to the phantasms”,<sup>8</sup> interpretando-a como uma forma de fundamentar a compreensão do agente humano tal como está encarnado fisicamente e inserido culturalmente, o que vem a ser a característica central da ênfase pós-moderna sobre a particularidade histórica.

**IHU On-Line - Como a senhora analisa a importância da ideia de “cristão anônimo” de Rahner para o diálogo inter-religioso e o ecumenismo?**

**Ann Riggs** - Essa questão é incrivelmente complexa, muito mais complexa do que se poderia tratar aqui, em parte porque não estou envolvida formalmente nesses diálogos! Penso que primeiro precisamos analisar a expressão em si em termos de algumas verdades importantes (e pós-modernas!) que ela tenta apresentar. Em primeiro lugar, a expressão em si não é originalmente de Rahner. Recentemente ouvi uma apresentação sobre outros teólogos que primeiramente usaram variações dessa expressão e mais tarde a própria expressão em si, ao igualmente pelejarem com o fenômeno muito real de que parecia haver não-cristãos que encarnavam valores cristãos de formas que envergonhariam a nós, que nos chamamos de cristãos. Como Rahner destaca, este é um fato real no nosso mundo, não vindo ao caso se o chamamos de “cristianismo anônimo” ou qualquer outra coisa. Será que precisa ser explicitamente cristão para ser reconhecido como cristão? Ou pelo menos combinar com o cristianismo? De que outra maneira os cristãos poderiam reconhecer o que é bom e santo em não-cristãos, senão através da lente dos nossos próprios valores de bondade e santidade? Para alguns, a expressão tem uma conotação de humildade; certa vez um budista objetou a

<sup>8</sup> Expressão alusiva ao “*Conversio ad phantasmata*”, de Tomás de Aquino. (Nota da IHU On-Line)

## “Nós, cristãos, também não somos salvos por nossas expressões verbais de fé, mas em função da nossa resposta à dádiva da fé em liberdade e amor”

Rahner que, conforme a sua compreensão do termo, ele teria que pensar que [não-budistas] seriam “budistas anônimos”. Rahner concordou enfaticamente: “Exatamente isso é o que você deveria fazer!”. Provavelmente a expressão não tem utilidade em diálogos, na prática, mas destaca um princípio inerente a esses diálogos: estamos procurando áreas de coincidência, de convergência sobre nosso convívio no mundo.

Um amigo meu, rahneriano, recentemente me lembrou que a ideia do “cristianismo anônimo” não se restringe a não-cristãos; ela lembra a nós, cristãos, que também não somos salvos por nossas expressões verbais de fé, mas em função da nossa resposta à dádiva da fé em liberdade e amor.

**IHU On-Line - Para Rahner, qual é a conexão entre a comunicação da fé, a experiência de Deus e a teologia? Como pode o ser humano “alcançar” o Mistério de Deus?**

**Ann Riggs** - Para Rahner, os seres humanos de forma alguma podem “alcançar” o mistério de Deus. Em última análise, trata-se de recebê-lo como presente, o que para Rahner necessariamente é o princípio que rege tudo isso. Tudo é dádiva, tudo precisa ser vivido nessa liberdade e amor, sem os quais graça não seria graça. Isso significa que a pregação do evangelho, a articulação da doutrina pelo magistério, a conduta das pessoas encarregadas de transmitir a fé de diversas maneiras (pastores, pregadores, cate-

quistas, educadores religiosos) precisa apresentar a verdade daquilo que proclamam. De que adianta pregar que Deus é amor, se na comunidade local não se consegue a atenção que acompanha o amor? De que adianta pregar que Deus cuida de cada pessoa humana a partir do primeiro momento da sua vida, se outros membros vulneráveis do Corpo precisam enfrentar intolerância e resistência? Nem sempre parece muito correto ou eficiente, mas o antigo adágio de que “a fé é agarrada, não ensinada” (“*faith is caught, not taught*”) é central para toda a evangelização empreendida pela Igreja – ou pelo menos deveria ser. Alguns dos “neo-cons” mais jovens, como os neo-conservadores são chamados nos EUA, parecem pensar que a afirmação de que “Deus é amor” dilui o evangelho, facilita-o demais. Às vezes o magistério parece compartilhar esse ponto de vista, o que realmente é uma pena, porque qualquer pessoa que realmente tenha tentado amar até mesmo uma única outra pessoa vai admitir, sem hesitar, que o amor é a mais difícil tarefa para seres humanos. Talvez esta seja a razão por que tantas vezes fracassamos nela. É por isso que a doutrina do *ex opere operato* é tão importante na vida da Igreja. Ela não transforma a Igreja um lugar de santidade mágica, nem os sacramentos numa fonte mágica de bondade; mas ela significa, sim, que enquanto continuarmos realizando nossos afazeres sacramentais – não apenas os sete rituais, mas todas as coisas que tentam transmitir a bondade de Deus e o poder do evangelho – podemos acreditar que o próprio Cristo está tentando estar vivo em nós e acreditar que de alguma maneira, Deus nos ama tanto, que até mesmo nossos mais frágeis esforços no sentido de transmitir esse amor poderiam conseguir exatamente isto.

### LEIA MAIS...

>> Recentemente a IHU On-Line realizou uma edição especial sobre Karl Rahner.

Confira a revista número 297, de 15-06-2009, intitulada *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23).

## Vocação religiosa: mais mística e mais profética

Para o teólogo jesuíta Víctor Codina, a conjuntura atual e a crise econômica reforçam a ideia de que a Igreja precisa abrir-se a novos desafios, às novas formas de pobreza, aos novos sujeitos emergentes

POR PATRICIA FACHIN | TRADUÇÃO MOISÉS SBARDELOTTO

“**D**iante do mundo do neoliberalismo globalizado, a vocação religiosa tem que ajudar a formar sujeitos autônomos, livres, responsáveis, que saibam enfrentar o mundo do consumo, a idolatria do mercado, a ideologia de que não é possível mudar.” A opinião é do teólogo Víctor Codina, expressa na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line. Para ele, a vocação religiosa na América Latina ganha um novo sentido a partir de movimentos políticos, econômicos e ambientais que se configuram no Planeta. Nessa perspectiva, ele explica que a “vocação religiosa tem que ajudar a formar sujeitos cristãos livres e responsáveis, a iniciá-los na fé madura, na experiência espiritual cristã, no discernimento, porque já não poderão ser cristãos pelo simples Cristianismo cultural, nem tampouco, a longo prazo, bastará a religiosidade popular”.

Codina diz ainda que a vocação religiosa terá pela frente o desafio de se “ressituar”, “sem pretender formar instituições paralelas, que, muitas vezes, são pequenas ilhas de Cristandade em uma sociedade que é secular, pluralista, já não de Cristandade”. Para ele, caminha-se “rumo a um novo estilo de vocação religiosa, mais reduzida e minoritária, mais mística e profética”.

Víctor Codina entrou para a Companhia de Jesus em 1948, na província da Cataluña. Em 1971, foi enviado à América Latina, vivendo em países como Venezuela, Argentina e Bolívia, onde está radicado desde 1982. Sua atividade é bastante variada, dando aulas de Teologia na Universidade Católica de Cochabamba e em contato com o povo em bairros e comunidades de base. Escreveu, entre outros, *La vie religieuse* (Du cerf: Paris, 1992) e *O credo dos pobres* (São Paulo: Paulinas, 1997). Confira a entrevista.

**IHU On-Line - O senhor participou do Congresso em comemoração aos 50 anos da CLAR (Confederação Latino-Americana e Caribenha de Religiosos e Religiosas). Pode fazer um balanço da caminhada da CLAR e da vida religiosa consagrada na América Latina nessas cinco décadas?**

**Víctor Codina -** A caminhada da CLAR nesses 50 anos foi muito importante, decisiva para o desenvolvimento da vocação religiosa na América Latina, sobretudo depois de Medellín.<sup>1</sup> Talvez,

<sup>1</sup> Documento de Medellín: Em 1968, na esteira do Concílio Vaticano II e da encíclica *Populorum Progressio*, realiza-se, na cidade de Medellín, Colômbia, a II Assembléia Geral do Episcopado Latino-Americano que dá origem ao importante documento que passou a ser chamado o Documento de Medellín. Nele se expressa a clara opção pelos pobres da Igreja Latino-Americana. Sobre o tema, leia o Caderno Teologia Pública número 36, de autoria de

o ponto mais importante foi a insistência em levar a opção pelos pobres à prática, favorecendo o que se chamou de inserção da vocação religiosa. Milhares de religiosas e também, mesmo que em menor número, de religiosos deixaram o centro das cidades e das instituições para se inserirem em bairros marginais, favelas, entre agricultores, mineiros, indígenas, etc. Esse processo esteve acompanhado por uma mentalização por meio de cursos e seminários sobre o que significava voltar ao Evangelho e aos carismas originais, à luz do Vaticano II na América Latina. Essa inserção provocou uma nova **espiritualidade, uma nova visão dos votos**

Joseph Comblin, intitulado *Conferencia Episcopal de Medellín: 40 anos depois* disponível em <http://www.unisinos.br/ihu/uploads/publicacoes/edicoes/1216295965.3603pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line).

e da comunidade, uma aproximação ao povo e uma nova formulação da missão da vocação religiosa.

Junto a isso, deve-se mencionar o Projeto Palavra Vida – frustrado pela proibição do Vaticano –, pelo fato de ter elaborado a memória histórica da vocação religiosa feminina na América Latina, a criação das CRIMPO (Comunidades Inseridas em Meios Populares), a insistência na questão da refundação e uma vida religiosa mística e profética ao serviço da vida, etc.

Acrescentamos a isso que esse caminho teve muitas dificuldades, tanto dentro de alguns setores da vocação religiosa na América Latina, como também por parte de Roma, que interveio na CLAR, nomeando um delegado pontifício e impedindo a eleição livre para

a sua presidência. A CLAR demonstrou, nesse conflito, um espírito evangélico de obediência, silêncio e amor à Igreja, sem que, por isso, perdesse o seu ânimo e sua liberdade profética para seguir adiante. No Congresso da CLAR, estavam presentes os principais atores que viveram e sofreram esse processo conflitivo e que foram um exemplo de serenidade e espírito evangélico, sem mostras de amargura, nem ressentimento, inclusive com bom humor.

**IHU On-Line - Que reflexões teológicas foram realizadas no encontro e como elas ajudam a delinear as perspectivas da vida religiosa latino-americana?**

**Víctor Codina** - No encontro da CLAR, a reflexão teológica tratou de dois temas: a contribuição da CLAR para a teologia da vocação religiosa na América Latina e para a teologia latino-americana da libertação. Sobre o primeiro tema, insistiu-se que a CLAR ajudou em uma reflexão sobre a vocação religiosa como carisma profético ao serviço dos pobres, acentuou que é um sinal escatológico do Reino, mas já presente na história, sublinhou a dimensão da vocação religiosa como seguimento de Jesus pobre e solidário com os pobres, fundamentou a necessidade de que sua profecia nascesse de uma mística evangélica de olhos abertos, ajudou uma visão da vocação religiosa não meramente universal e ocidental, mas também encarnada nas Igrejas locais do continente.

Sobre a sua relação com a teologia latino-americana da libertação, viu-se que houve uma grande conexão, uma mútua relação, uma sinergia. A vocação religiosa, sobretudo a inserida, era o primeiro ato de uma teologia que, no segundo ato, refletiria sobre ela. Tanto a vocação religiosa da América Latina como a teologia do Caribe partem da realidade (ver), iluminam-na na Palavra (julgar) e buscam a sua transformação (agir). Pode-se dizer que a CLAR, os pastores e bispos proféticos da América Latina, além dos mártires, foram pilares para a Teologia da Libertação. A teologia, por sua vez, ajudou a aprofundar essa vocação religiosa (os pobres na Escritura,

diversas classes de pobreza e de pobres, a opção de Jesus pelos pobres, identificação entre Cristo e o pobre em Mt 25, pecado estrutural, conceito do Reino). Não é por acaso que a CLAR sofreu as mesmas perseguições e incompreensões que a Teologia da Libertação e seus teólogos.

**IHU On-Line - Quais são os rumos e compromissos que desafiam a missão da vida religiosa no mundo atual? Existem experiências religiosas que estão caminhando junto com as culturas indígenas? Que avanços e desafios se apresentam?**

**Víctor Codina** - A reflexão teológica do Congresso da CLAR também olhou para o futuro. Constatou-se que não podemos ficar lembrando a época gloriosa dos anos 1970 e 1980, mas que é preciso abrir-se a novos desafios, às novas formas de pobreza, fruto do neoliberalismo e da atual crise econômica. É preciso abrir-se aos novos sujeitos emergentes: a mulher e o gênero, os índios e afro-descendentes, o grito da terra e da ecologia, o diálogo com as culturas, tanto originárias como modernas, o diálogo inter-religioso (por exemplo, na linha da Teologia Índia). Sobre esses temas, mesmo que já existam avanços e experiências, é preciso se aprofundar mais. Não basta que índios ou afros entrem na vocação religiosa; eles precisam poder conservar a sua cultura e sua cosmovisão religiosa. Da mesma forma, a vocação religiosa feminina não pode ser uma cópia da vocação religiosa masculina etc.

**IHU On-Line - Que futuro o senhor vislumbra para a vida religiosa latino-americana?**

**Víctor Codina** - Essa pergunta está muito ligada à anterior, mas pode ajudar a ampliá-la e radicalizá-la. Diante do mundo do neoliberalismo globalizado, a vocação religiosa tem que ajudar a formar sujeitos autônomos, livres, responsáveis, que saibam enfrentar o mundo do consumo, a idolatria do mercado, a ideologia de que não é possível mudar. Diante do grande movimento que surge na América Latina dos povos indígenas e afros, a

vocação religiosa tem que reconhecer que Deus quer que esses povos sejam respeitados em sua liberdade, em suas terras, culturas, dignidade, etc. Diante do processo de secularização crescente, a vocação religiosa tem que ajudar a formar sujeitos cristãos livres e responsáveis, a iniciá-los na fé madura, na experiência espiritual cristã, no discernimento, porque já não poderão ser cristãos pelo simples Cristianismo cultural, nem tampouco, a longo prazo, bastará a religiosidade popular. Eles devem passar de batizados a discípulos (Aparecida). Por outro lado, diante da insurgência e da tomada de consciência do laicato na Igreja, a vocação religiosa terá que se ressituar, deixar tarefas de suplência que teve que assumir no passado, colaborar com eles, colaborar também com o Estado, sem pretender formar instituições paralelas, que, muitas vezes, são pequenas ilhas de Cristandade em uma sociedade que é secular, pluralista, já não de Cristandade.

Tudo isso indica que vamos rumo a um novo estilo de vocação religiosa, mais reduzida e minoritária, mais mística e profética, mais pobre, com uma maior relação com os leigos e com outras congregações (inter-congregacionalidade), com vocações mais maduras e adultas e não tão jovens, abrindo-se a novas formas de comunidade e de compromissos, com mais fermento do que cimento, e de forma mais significativa, mais carismática e livre, que repense seus trabalhos e ministérios (por exemplo, revisar a paroquialização da vocação religiosa masculina clerical!), mais semelhante às suas origens, que vivam uma aventura evangélica e uma insegurança de nômades, sempre abertos ao sopro do Espírito.

#### LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Víctor Codina:

\* "Temos de crer e esperar que outro mundo e que outra Igreja são possíveis", publicada na IHU On-Line número 222, de 04-06-2007 e disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=453&id\\_edicao=248](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=453&id_edicao=248).

## O ressurgimento dos povos indígenas na América Latina

Na visão do líder indígena Paulino Montejo, a forte mobilização indígena ensejou uma mudança da mentalidade integracionista, homogeneizante e autoritária dos estados latino-americanos

POR GRAZIELA WOLFART E PATRICIA FACHIN

**A**lém de assessor de instituições que trabalham com povos indígenas, Paulino Montejo é indígena maia, da Guatemala, e fala com a propriedade de quem vive a realidade dos povos indígenas desde o nascimento. Com base em sua experiência, ele identifica que “todos os segmentos sociais que têm algum vínculo com a terra, não só os índios, mas os quilombolas, os trabalhadores rurais do campo, os sem-terra, todos no atual momento, e particularmente agora com o agravamento da crise econômica mundial, têm que se voltar para criar condições para se organizar e para defender, inclusive com a própria vida, o pedaço de chão ou o território, que nesse novo modelo de desenvolvimento é agredido e ameaçado”. Na entrevista que concedeu à IHU On-Line por telefone, Paulino afirma que “nesses últimos vinte ou trinta anos os povos indígenas tomaram a consciência da necessidade de resgatar a sua identidade e de se reafirmar como povos étnica e culturalmente diferentes” e que “essa movimentação dos povos indígenas, em primeiro lugar, tem muito a ver com a necessidade de se afirmarem como povos diferentes, com uma identidade, uma cultura e uma filosofia de vida, um modo de ser, de agir, de pensar distinto da cultura dominante ocidental cristã”. Para ele, “quaisquer projetos que impactam a natureza, a terra, os recursos físicos, a floresta, a biodiversidade, os espaços socioculturais sagrados, o ambiente natural que os povos indígenas milenarmente têm preservado evidentemente confrontam uma questão de essência da vida destes povos”.

Representante da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), Paulino Montejo foi assessor da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) e do Conselho Indigenista Missionário (CIMI) por muitos anos. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - É possível falar em um ressurgimento dos povos indígenas no continente?**

**Paulino Montejo** - Há um ressurgimento em vários sentidos. Um deles podemos chamar de ressurgimento étnico. No Brasil, esse movimento considera alguns povos como “ressurgidos”. Em outros lugares da América, chamamos de processos de reetnificação. Nos últimos vinte anos, os povos indígenas do mundo inteiro começaram a avançar nas suas lutas além fronteiras, saíram do cerco artificial, das fronteiras artificiais constituídas pelos estados nacionais, e partiram para as lutas de caráter regional, no caso da América Latina, e inclusive de caráter mundial, ocupando espaços em organismos internacionais, como a própria Organização das Nações Unidas (ONU), via comissão de direitos humanos, via

**“Já se passou o tempo em que o Estado, o poder público, as ONGs e as Igrejas vêm e determinam o que deve ser feito com os povos indígenas”**

grupos de trabalho sobre populações indígenas e atualmente do Fórum Permanente da ONU para os Povos Indígenas. Percebemos que nesses últimos vinte ou trinta anos os povos indígenas tomaram a consciência da necessidade de resgatar a sua identidade e de se reafirmar como povos étnica e culturalmente diferentes. Isso teve evidentemente alguns antecedentes fundamentais em avanços no que diz respeito à mudança na mentalidade de cientistas sociais, particularmente dos antropólogos, e todo o mundo acadêmico, o que, de alguma forma, incidiu

em uma nova mentalidade, um novo pensamento no movimento indígena, que veio junto com as lutas de libertação na América Latina.

Essa movimentação dos povos indígenas, em primeiro lugar, tem muito a ver com a necessidade de se afirmarem como povos diferentes, com uma identidade, uma cultura e uma filosofia de vida, um modo de ser, de agir, de pensar distinto da cultura dominante ocidental cristã. Essa emergência notadamente repercutiu nas mudanças das leis das constituições da América Latina, como foi no Brasil, na Colômbia, na

Venezuela, no Equador e na Bolívia. A forte mobilização indígena fez mudar a mentalidade integracionista, homogeneizante e autoritária dos estados latino-americanos. Isso foi muito bem vindo e significou um estímulo para a auto-estima e para o fortalecimento da perspectiva organizacional política dos povos indígenas do continente. Só que a história dos últimos dez, quinze anos mostrou que uma coisa é a teoria e outra é a prática, a realidade. O que foi considerado um grande avanço em termos jurídicos, reais e práticos está muito aquém do que se conquistou nas constituições da América Latina.

### Um modelo econômico que confronta a natureza

Outro fator determinante e que está mais em discussão no momento, é o modelo econômico de desenvolvimento imposto aos estados na América Latina, que é ecossocialmente confrontativo a um estilo de vida, a uma mentalidade relacionada a um pensamento de equilíbrio, de convivência harmoniosa, de respeito à natureza, à mãe terra. Temos conhecimento pela mídia e pela sociedade em geral de que o que importa é o desenvolvimento econômico voltado para o lucro a qualquer custo. Se tiver que implantar grandes barragens, transpor rios, como o São Francisco, se tiver que privatizar a água, tudo vale. Essa é a lógica dos grandes empreendimentos, por exemplo, embutidos no PAC, o Programa de Aceleração do Crescimento, muito almejado pelo governo brasileiro. O PAC tem essa mentalidade que atende aos interesses do agronegócio, da grande indústria. Trata-se de uma mentalidade desenvolvimentista, que tem no seu bojo um modelo de desenvolvimento depredador, que agride a mãe natureza e que mexe com o elo fundamental da sobrevivência sociocultural e física dos povos indígenas na terra. Quaisquer projetos que impactam a natureza, a terra, os recursos físicos, a floresta, a biodiversidade, os espaços socioculturais sagrados, o ambiente natural que os povos indígenas milenarmente têm preservado evidentemente confrontam uma questão de essência da vida

destes povos. Sabemos que a relação dos povos indígenas com a terra é uma relação só de sobrevivência física. Não é só uma questão de ter um espaço para subtrair meios de sobrevivência material. É um espaço de suporte, de sustentação de uma identidade física, mas também espiritual e sociocultural. Nesse sentido, percebemos que todos os segmentos sociais que têm algum vínculo com a terra, não só os índios, mas os quilombolas, os trabalhadores rurais do campo, os sem-terra, todos no atual momento, e particularmente agora com o agravo da crise econômica

**“Os povos indígenas  
hoje precisam se  
estruturar, de fato, para  
poder reconhecer a sua  
mobilidade, para  
reconhecerem que eles  
são, de fato,  
protagonistas e  
precisam ser vistos  
como sujeitos políticos  
capazes de pensarem  
e decidirem sobre o  
seu destino”**

mundial, têm que se voltar para criar condições para se organizar e para defender, inclusive com a própria vida, o pedaço de chão ou o território, que nesse novo modelo de desenvolvimento é agredido e ameaçado.

**IHU On-Line - Quais têm sido os principais desafios e limites da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil?**

**Paulino Montejo** - Na conjuntura do momento onde os direitos indígenas estão gravemente ameaçados, sobretudo os direitos territoriais, só cabe aos povos

indígenas se organizarem melhor ainda pelo que fizeram até agora. E com uma diferença: para os povos e as organizações indígenas hoje não basta só ter qualidade no discurso político. Eles precisam se qualificar, se formar, se capacitar para conseguirem sucesso nos processos políticos e institucionais que definem o seu destino, tanto com relação às políticas públicas voltadas a eles, quanto com relação à formulação de suas próprias demandas, suas próprias propostas para resolverem as situações na área da saúde, da educação, da sustentabilidade ou na área da defesa dos seus territórios e da sua cultura. Esses são desafios a serem enfrentados. Os povos indígenas hoje precisam se estruturar, de fato, para poder reconhecer a sua mobilidade, para reconhecerem que eles são, de fato, protagonistas e precisam ser reconhecidos como sujeitos políticos capazes de pensarem e decidirem sobre o seu destino. Já se passou o tempo em que o Estado, o poder público, as ONGs e as Igrejas vêm e determinam o que deve ser feito com os povos indígenas.

**IHU On-Line - Qual a distância que o senhor estabelece hoje entre a teoria e a prática no que se refere às leis criadas no Brasil para proteger os povos indígenas?**

**Paulino Montejo** - Há uma distância grande entre a teoria e a prática, um abismo na verdade. A dificuldade de demarcar terras indígenas no Brasil é grande, inclusive há uma tentativa hoje no Congresso Nacional, em forma de projetos de lei, que tentam reverter direitos indígenas já conquistados. Falta muito, apesar de alguns avanços que o governo objetivou, como foi o caso da homologação do Território Indígena Raposa Serra do Sol, para colocar a questão indígena numa situação de centralidade política do Estado. A questão indígena ainda está condicionada a interesses poderosos, econômicos, políticos no congresso, no poder legislativo, nas estruturas do estado, no poder público e no judiciário.

**IHU On-Line - Como o senhor define a relação dos povos indígenas com a Funai e com o governo brasileiro?**

**Paulino Montejo** - O próprio presidente Lula admitiu, no início do seu segundo mandato, que ele estava com

uma dívida, com um saldo negativo grandíssimo em relação ao que não fez pelos povos indígenas no seu primeiro mandato e que tinha se comprometido a fazer. No segundo mandato abriu-se uma situação de diálogo e negociação que foi impedida, dificultada no primeiro mandato. Em termos gerais, essa relação sempre foi tensa entre a Funai, o governo e os povos indígenas, uma vez que o governo demora muito para atender as demandas dos povos indígenas. Um caso típico é a demarcação das terras indígenas.

**IHU On-Line - Em que andamento se encontra o Estatuto dos Povos Indígenas?**

**Paulino Montejo** - O Estatuto está engavetado há 14 anos e no último mês se fechou a sua proposta no âmbito da Comissão Nacional de Política Indigenista, depois de o texto ter sido referendado na sua maioria. Agora está na parte de revisão de técnica legislativa, depois vai para o executivo, que o encaminhará ao Congresso Nacional. A forma como isso será incorporado vai depender do processo que conseguirmos deslançar no congresso. Esperamos que isso aconteça o mais rápido possível, ainda este ano, para que qualquer medida e iniciativa legislativa que tente reverter os direitos indígenas no congresso nacional pare de tramitar.

**IHU On-Line - Que diferenças o senhor aponta em relação aos valores de suas raízes como indígena maia, da Guatemala, e os valores dos povos indígenas brasileiros?**

**Paulino Montejo** - As diferenças são apenas de língua entre os povos indígenas da América espanhola e brasileira, não só com relação ao português e o espanhol, mas em relação às mais de 600 línguas indígenas do continente. Na verdade, todos esses povos, historicamente, foram, da mesma forma, vítimas de um processo que os massacrou, exterminou ou dizimou seus membros. Aqui nesse ponto vemos mais semelhanças do que diferenças. Nessa parte da resistência, da organização e da mobilização, da luta também são todos semelhantes. Vemos que há vínculos milenares de caráter espiritual, de visão de mundo entre os po-

vos indígenas do continente. É isso que a macroeconomia e que o capital têm que admitir. As crises hoje do mundo, que aparecem como crise econômica basicamente ou, sobretudo, financeira, no fundo, é também uma crise de valores, onde falta aspecto espiritual, a dimensão da pessoa humana e da natureza.

**IHU On-Line - O que significa, na sua opinião, a frase do cacique Anildo Lulu, da Aldeia Tereguá, no episódio de cárcere privado na Funai em Bauru no mês passado, que disse: “estamos preparados para a luta, não temos medo de morrer”?**

**Paulino Montejo** - Essa é uma frase que não é só ele quem diz. Eu já ouvi isso de muitas lideranças indígenas. Para eles, a terra não é qualquer coisa. Ninguém vende a sua própria mãe. E eles sentem a ameaça de perder o que eles têm de mais caro, que é a terra mãe, onde nasceram, onde estão enterrados seus ancestrais, e onde mora o futuro das outras gerações. Na medida em que os povos indígenas sentirem a ameaça de perder a sua terra ou sua própria identidade, eles estarão sempre dispostos a lutar, mesmo sacrificando a própria vida. Isso é muito profundo.

**IHU On-Line - O que sua experiência como assessor do CIMI e da Coiab mais lhe ensinaram até então sobre a força e a garra dos povos indígenas latino-americanos?**

**Paulino Montejo** - Os ensinamentos são muitos. Mas, concretamente, começando pelo meu povo, aprendi que podem vir modelos econômicos de dominação, exploração, genocídio, mas enquanto os povos indígenas estiverem vivos, não desistirão de se manterem vivos. A resistência, a perseverança, a persistência, o sonho de estar sempre atrás da terra prometida, ou proteger a terra garantida é o maior ensinamento deles. O valor da vida, não só de mim enquanto gente, mas da vida toda no universo, da natureza, da mãe terra, é o maior ensinamento que tive deles. Não se pode nunca abdicar da esperança. Os povos indígenas me ensinaram a nunca abdicar dos maiores desafios. Sempre há um motivo para continuar lutando e correndo atrás dos nossos direitos.

Religiões do Mundo | De 10-08-2009 a 08-10-2009

INFORMAÇÕES EM WWW.UNISINOS.BR/IHU

## Povos indígenas: inspiração para um modelo social alternativo

Para Ponciano Acosta, os principais inimigos dos povos indígenas são os grandes capitais e interesses econômicos, que buscam se apropriar dos territórios e recursos naturais comunitários e os governos que avalizam estas políticas

POR GRAZIELA WOLFART

Coordenador da Equipe Nacional de Pastoral Aborígine (Endepa), na Argentina, o padre Ponciano Acosta fala, na entrevista que segue, concedida por e-mail para a IHU On-Line, sobre a situação dos povos indígenas na Argentina que, segundo ele, é crítica. De acordo com ele, no país, permanece vigente “um modelo de exclusão política, social, econômica e cultural dos povos indígenas”. “A violação dos direitos humanos, tanto coletivos como individuais, dos povos originários e seus membros, é uma realidade em nosso país”, define. Na opinião de Ponciano, “as principais lutas e os desafios centrais dos povos indígenas na atualidade estão focalizados na recuperação dos territórios ancestrais como centro de sua vida comunitária e o direito ao controle dos recursos naturais”. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Qual é a situação dos povos indígenas na Argentina atualmente?**

**Ponciano Acosta** - A situação dos povos indígenas hoje na Argentina é crítica. Mesmo que tenha havido um importante avanço a nível normativo, isto ainda não se traduziu na vida das comunidades, permanecendo vigente um modelo de exclusão política, social, econômica e cultural dos povos indígenas que até agora não foi removido. Evidencia-se uma ausência absoluta de políticas públicas que revertam a situação de discriminação e injustiça na qual se encontram os povos indígenas, que sofrem pela inaplicabilidade do direito vigente. As diferenças culturais são marcadas e o discurso oficial vertical não aceita o diálogo nem propostas alternativas que contemplem e reconheçam a identidade, a cosmovisão e as formas tradicionais dos povos originários. A violação dos direitos humanos, tanto coletivos como individuais, dos povos originários e seus membros, é uma realidade em nosso país.

**IHU On-Line - Quais as principais lutas e os maiores desafios dos povos indígenas?**

**“Os povos originários se encontram de pé, lutando por seus direitos e obtendo numerosas conquistas”**

**Ponciano Acosta** - As principais lutas e os desafios centrais dos povos indígenas na atualidade estão focalizados na recuperação dos territórios ancestrais como centro de sua vida comunitária e o direito ao controle dos recursos naturais. Lembremos que as comunidades indígenas mantêm uma relação íntima com a terra e que toda a estrutura social comunitária se assenta sobre esta particular cosmovisão. A propriedade sobre a terra não tende a assegurar meios de produção ou acumular bens senão a garantir sua própria existência como comunidade com identidade diferenciada. Junto com o direito à terra, aos territórios, os povos indígenas se encontram reclamando pelo efetivo respeito à educação

bílingue e intercultural, identidade e participação em todas as ações que possam afetá-los de alguma maneira. Devemos dizer que os povos originários se encontram de pé, lutando por seus direitos e obtendo numerosas conquistas. Neste processo, está se alcançando cada vez mais um maior nível de organização, formação e articulação, tanto nas comunidades como nos povos originários de toda a América Latina.

**IHU On-Line - Qual a opinião geral do povo argentino em relação às lutas e demandas do movimento indígena? O país tem um “rosto indígena”?**

**Ponciano Acosta** - Por enquanto, podemos dizer que só uma parte do povo argentino é sensível às lutas e demandas do movimento indígena. Recordemos que, na Argentina, as comunidades indígenas não alcançam 5% do total da população. O modelo argentino nos falou sempre de uma sociedade forjada “à europeia” ou de “um crisol de raças que saiu dos barcos”, esquecendo intencionalmente o valioso aporte dos povos originários. Isto permanece vigente

ainda hoje na mentalidade geral da sociedade argentina, o que mantém aparelhado um sistema perverso de discriminação e marginalização sistemática.

#### **IHU On-Line - Como se relacionam o governo argentino e o movimento indígena no país?**

**Ponciano Acosta** - A relação atual é de tensão. O governo argentino não tem dado ainda claras demonstrações de apoio ao movimento indígena e em geral as demandas são dirigidas contra o Estado (tanto Nacional como provinciais). Pelo contrário, o governo se volta a favor dos grandes interesses econômicos empresariais como minerais, florestais etc., atividades que levam a uma maior concentração da riqueza nas mãos de poucos e para cuja maior produção requer territórios livres de comunidades indígenas e famílias campesinas. Os organismos estatais nacionais e provinciais, responsáveis pela aplicação da política dos povos indígenas, se mantêm inalteráveis quanto a sua filosofia e seu atuar a respeito dos mesmos. Antes a inércia se justificava pela falta de recursos orçamentários. Hoje, esse argumento é insustentável e ao lado da ausência antes expressada, se levantam políticas públicas baseadas na dádiva e no clientelismo político.

#### **IHU On-Line - Como aparecem os povos indígenas na Constituição Nacional Argentina? Ela favorece as lutas dos indígenas do país?**

**Ponciano Acosta** - A Constituição Nacional, logo depois de sua reforma, em 1994, incorpora em seu texto o artigo 75, inciso 17, que significa uma verdadeira revolução em matéria de direitos indígenas. Ele reconhece a pré-existência dos povos indígenas com relação ao Estado Argentino e, em consequência, garante direitos comunitários, tais como identidade, participação, terra, gestão de recursos naturais, educação bilíngue e intercultural. Isso significa dizer que o marco constitucional é propício para uma verdadeira reivindicação dos povos originários. Lamentavelmen-

te, não podemos dizer que acontece o mesmo na prática: os funcionários públicos não respeitam o espírito nem o mandato da Constituição e não fazem efetivo o reconhecimento dos direitos indígenas. Por outro lado, a legislação de hierarquia inferior (código civil etc.) ainda não se adequou, o que gera sérias dificuldades para o reconhecimento pleno dos direitos comunitários.

**“Em todo este tempo, vemos que, pouco a pouco, o protagonismo indígena crescente nos desafia a continuar repensando a metodologia de trabalho. Por isso, cada vez mais nossa ação é de acompanhamento e de valorização”**

#### **IHU On-Line - Quem são os principais amigos e os principais inimigos dos povos indígenas na América Latina hoje?**

**Ponciano Acosta** - Os principais amigos dos povos indígenas na América Latina, hoje, são as próprias redes de articulação e intercâmbio indígena que tem se fortalecido nos últimos anos. A Igreja Católica os acompanha também nos diversos países com uma Pastoral Aborígene respeitosa da identidade, espiritualidade, cosmovisão e valores próprios. Outras igrejas estão envolvidas no acompanhamento com uma tônica similar. Existem Ongs comprometidas especificamente com

a luta indígena ou, em geral, com os direitos humanos. Nos últimos anos, alguns organismos internacionais vêm intervindo em causas comunitárias e denunciando publicamente as políticas de extermínio dos povos indígenas. Entre estes, podemos citar a Comissão e Corte Interamericana, a OIT, através de seus informes e o relator dos direitos indígenas da ONU.

Como principais inimigos, poderíamos citar os grandes capitais e interesses econômicos, que buscam se apropriar dos territórios e recursos naturais comunitários e os governos que avalizam estas políticas. O território das comunidades, ainda mais aquelas que têm conseguido obter a titularização, encontra-se em perigo por não estar assegurado efetivamente o controle de seus recursos naturais. Mesmo que nos últimos anos se tenha verificado alguns progressos em relação à titularização de terras comunitárias, também houve uma explosão das autorizações de desmontes, aproveitamentos florestais ou mineiros que põem em risco o equilíbrio comunitário. Existe, além disso, uma grave preocupação pela contaminação ambiental ocasionada por tais atividades, realizadas sem sérios estudos de impacto ambiental ou audiências participativas.

#### **IHU On-Line - Qual o papel da Endepa em relação ao movimento indígena na Argentina e na América Latina?**

**Ponciano Acosta** - A Endepa, como organismo da Igreja Católica Argentina, está completando 25 anos de trabalho articulado. Em todo este tempo, vemos que, pouco a pouco, o protagonismo indígena crescente nos desafia a continuar repensando a metodologia de trabalho. Por isso, cada vez mais nossa ação é de acompanhamento e de valorização. Cremos que muito se tem colaborado em favor da causa indígena. Hoje, continua sendo imperioso sensibilizar a sociedade sobre a problemática dos povos indígenas, mas também é preciso resgatar todos os valores que eles conservam e que servem de inspiração para um modelo social alternativo.

## Relatos da força indígena da América Latina

Em testemunhos reais, alguns líderes indígenas latino-americanos falam sobre a realidade de seus povos. A IHU On-Line convidou algumas lideranças indígenas de países da América Latina a escreverem breves depoimentos sobre a força que motiva a luta dos povos indígenas latino-americanos. Confira:

### Lei de Titulação Coletiva de Terras para os povos indígenas do Panamá

“Nos últimos 20 anos, os povos indígenas Ngöbe, Buglè, Kuna, Emberá, Wounaan e Naso y Bri-bri têm tido uma permanente demanda diante das autoridades governamentais, pelo reconhecimento, respeito e aplicação de seus direitos, e o desenvolvimento das normas constitucionais e legais especiais que a eles concernem. Com efeito, os povos indígenas do Panamá tentam consolidar suas aspirações históricas em legitimar e proteger seus territórios, o que está ligado intrinsecamente à proteção de seus recursos naturais e ao ambiente que os rodeia, assegurando sua herança ancestral e o seu legado cultural. Com a aprovação da Lei nº 411, de 28 de novembro de 2008, que é a Lei de Titulação de Terras Coletivas, os povos indígenas também consolidam a aplicação de instrumentos jurídicos nacionais e internacionais que garantem os seus direitos, fortalecendo suas estruturas sociais e políticas de administração tradicional, definindo a identidade étnica de acordo com a sua cosmovisão. É nossa tarefa agora, de povos indígenas, levarmos adiante o processo de fortalecimento das instituições próprias de seus povos, assim como a recuperação dos valores tradicionais, sustentados sobre a vivência histórica. Portanto, para nosso país, se define uma nova política de relação entre os povos indígenas e o Estado, deixando para trás a política equivocada do passado, que em nosso tempo se traduz em desconhecimento e desinformação sobre os direitos dos povos indígenas, negação e violação de seus direitos, e assumindo a integração indígena como política de Estado.”

>> *Arelys Midi, líder indígena do povo Ngöbe (Panamá)*

### A força e a novidade que impulsiona os povos indígenas da América Latina

“Inicialmente, gostaria de fazer uma breve descrição histórica dos Direitos Humanos. Em 1789, tivemos a Declaração de Direitos de Homem e de Cidadão, na qual se proclamaram a liberdade, a igualdade e a fraternidade. Em 1940, no México, foi realizado o Primeiro Congresso Indigenista Interamericano, onde os estados emitiram 72

acordos e declarações, impulsionaram o Convênio de Patzcuaro e estabeleceram o Instituto Indigenista Interamericano. Em 1948, foi aprovada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, ‘considerando que a liberdade, a justiça e a paz no mundo têm por base o reconhecimento da dignidade intrínseca e dos direitos iguais e inalienáveis de todos os membros da família humana’. Em 1957, a OIT (Organização Internacional do Trabalho) aprovou o primeiro instrumento jurídico internacional sobre os povos indígenas, que foi reformulado no Convênio 169 da OIT e foi adotado em 1989. Em 1988, foi escrito na Convenção Americana sobre os Direitos Humanos que ela ‘busca consolidar um regime de liberdade pessoal e de justiça social, fundado no respeito aos direitos essenciais do homem, com os direitos humanos, e que busca fazer das sociedades livres de todas as formas de segregação e discriminação racial’.

Falar de direitos coletivos dos povos indígenas e afro-descendentes é falar de seu reconhecimento no marco jurídico; é aceitar que a obrigatoriedade inscrita em tais direitos, denota, pois, não somente um reconhecimento teórico, como também prático, com um caráter universal, alcançando a todos os afro-descendentes e indígenas do mundo. É aceitar a condição social da pessoa afro/indígena pelo que entendemos que, sem este reconhecimento, dificulta mais a convivência humana, porque tal negativa significa opor-se explicitamente à sociabilidade dos mesmos direitos dos povos indígenas como pessoa.

Falar da força e da novidade que impulsiona os povos indígenas em todos os países da América Latina é reconhecer a força vinculante do movimento e das



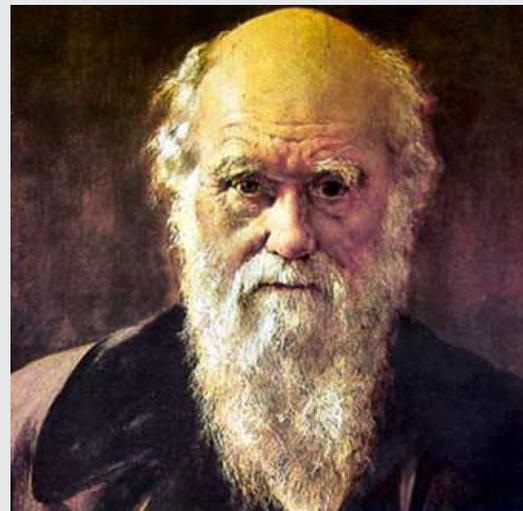
instituições indígenas frente à colonização, assimilação e ao discurso mono-étnico e monolinguístico em sua pretensão de seguir invisibilizando os povos indígenas. Afirmar o direito de autodeterminação dos povos indígenas pretende introduzir uma opção multicultural na construção deste direito, que se constrói a partir da experiência e da vivência da identidade. Todos os indígenas da Abya Yala (América) devem ter o direito ao desenvolvimento, ao meio ambiente, devem ter acesso aos recursos naturais, a um desenvolvimento com identidade, ao desenvolvimento do bem viver. Nisto consiste a força inovadora do movimento indígena em toda a América Latina: de ser emancipador para todos os povos indígenas, que os coloca como sujeitos de direito e de desenvolvimento, protagonistas de uma história verdadeiramente liberadora.”

>> *Matías Mejía Miguel, do povo Garífuna de Honduras, especialista em povos indígenas, direitos humanos, governabilidade e cooperação internacional da Universidad Carlos III, de Madrid.*

#### A importância do movimento indígena na América Latina

“Apesar de ser vítima de uma prolongada colonização ocidental, mediante a qual se tentou os fazer desaparecer física, cultural e historicamente, o movimento indígena da América Latina tem demonstrado grande força e capacidade de resistência, que tem emergido com propostas políticas contra-hegemônicas frente ao poder do colonialismo. A partir desta perspectiva, o movimento indígena tem sido um dos suportes ideológico e político fundamental na construção de novos modelos de estados e poder, baseado na multiculturalidade e interculturalidade. Por exemplo, a proposta de Estados Plurinacionais constitui uma categoria teórica e política para a transformação dos estados modernos. A mesma que foi desenvolvida pelo movimento indígena equatoriano e hoje está incorporada na Constituição, transcendendo a fronteira étnica e geográfica para que os povos da América e do mundo enfocassem a reconstrução dos Estados. A Bolívia, de maneira oficial, se declara hoje como Estado Plurinacional. Estes e outros aportes constituem evidências objetivas de que, historicamente e de maneira criativa, os povos indígenas têm desenvolvido propostas inovadoras e adequadas de: novas formas de convivência da humanidade, boas formas de se relacionar com o cosmos, novas formas de exercer o poder, novas formas de desenvolvimento etc. Ou seja, eles têm tido abordagens que pretendem deter a destruição da mãe terra e das relações sociais da humanidade gerada pelo capitalismo e pelo neoliberalismo.”

>> *Dra. Mariana Yumbay, equatoriana de nacionalidade Kichwa - Povo Waranka, juíza provincial de trânsito no Equador.*



ESTÃO ABERTAS  
AS INSCRIÇÕES PARA O  
IX SIMPÓSIO  
INTERNACIONAL IHU:  
ECOS DE DARWIN, QUE  
ACONTECE DE 9 A 12  
DE SETEMBRO. FAÇA SUA  
INSCRIÇÃO AGORA:  
[WWW.UNISINOS.BR/IHU.](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU)

## Um sujeito submetido ao objeto

Jean-Louis Chassaing questiona por que o sujeito pós-moderno, ao se pensar “privado de”, perde sua capacidade de sujeito e se submete ao objeto, no sentido do direito romano, regido por corpos

POR MÁRCIA JUNGES E MARIO FLEIG | TRADUÇÃO LUCIANA CAVALHEIRO

“Qual seria o discurso no qual é tomado o sujeito de hoje? Há ainda um discurso que possa orientá-lo?”, questiona o psicanalista e psiquiatra francês Jean-Louis Chassaing, na entrevista a seguir, concedida com exclusividade à IHU On-Line, por e-mail. Segundo ele, “o insuportável do desejo - que uma resposta não lhe seja trazida imediatamente, ou mesmo o escândalo que se deixa emergir tempo demais - pode conduzir a uma espera, a uma exigência de um gozo imediato, da violência, aquela de um impasse sobre a mediatização da reflexão”. Retomando Freud, o pesquisador diz que era esse excesso de recalcado a causa das neuroses. O que diria Freud hoje, “quando ‘tudo é possível’, e que o sexual está na mesa, à disposição, em que os corpos estão desnudos, mesmo os cadáveres estão ‘deliciosamente’ expostos, como observou Charles Melman”? Chassaing analisa, também como o “sujeito pós-moderno”, ao se pensar não frustrado, mas privado de, “perde a sua capacidade de sujeito – sub jectum, submetido (à linguagem) – para tornar-se, ele próprio, ‘submetido’ a objeto, no sentido do direito romano, regido por corpos”.

Chassaing, psiquiatra e psicanalista, é autor de, entre outros, *Les toxicomanies médicamenteuses* (Paris: PUF, 1992), *Psychanalyse et Psychiatrie* (Paris: Point Hors ligne, 2001) e *Cocaine. Aphasies: études des textes preanalytiques de Freud* (Paris: Erès, 2006). É membro da Associação Lacaniana Internacional e membro co-fundador da Fundação Europeia para a Psicanálise. Palestrará em 14 de agosto no Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?, com o tema “Uma prática: Freud perito”. Confira a entrevista.

**IHU On-Line - Por que desejo e violência se fundem quando a distância entre gozo e desejo se apaga?**

**Jean-Louis Chassaing** - Não sei de que violência você quer falar. Quando se fala de violência, meu pensamento sempre se volta para aquela época em que, estudante de psiquiatria, eu lia um dos primeiros livros de Laing<sup>1</sup> e Cooper,<sup>2</sup> psiquiatras ingleses, que encontraria logo depois. Eles tentavam, então, em um movimento que ia se tornar muito amplo, afrontar a “Instituição” manicômio.

1 Ronald David Laing (1927-1989): psiquiatra escocês que se colocou contra a psiquiatria ortodoxa de seu tempo. Contudo, recusava o rótulo de anti-psiquiatra. (Nota da IHU On-Line)

2 David Cooper (1931-1986): médico e psiquiatra sul-africano. Atuou na Inglaterra. Representante da corrente antipsiquiátrica, denunciou a psiquiatria oficial, que considerava submetida às necessidades da sociedade. (Nota da IHU On-Line)

Um movimento que, ao denunciar uma certa violência da instituição e da psiquiatria, abandonou um pouco a clínica, tomada também no contexto de sua época. Mas Laing, principalmente, se reconhecia psiquiatra e psicanalista - ele tinha sido analisado, como Cooper, por Winnicott<sup>3</sup>. Laing mantivera também uma

3 Donald Woods (Winnicott - 1896 - 1971): pediatra e psicanalista britânico. Escreveu uma obra psicanalítica considerável. Seu interesse pela convulsão utilizada como tratamento (eletrochoques), assunto que aborda no *British Medical Journal*, é talvez menos conhecido. Escreveu *Through Pediatrics to Psycho-Analysis* (1957), *The Child and the Family* (1957), *The Child and the Outside World* (1957), *The Maturation Processes and the Facilitating Environment* (1965), *Playing and Reality* (1971), *Therapeutic Consultations in Child Psychiatry* (1971), *Fragment of an Analysis* (1975) e *Human Nature* (1988). Fonte: CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. *Dicionário de psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos, 2007. (Nota da IHU On-Line)

correspondência com Karl Jaspers<sup>4</sup> e, desta forma, estava interessado pelo existencialismo. Enfim, Laing e Cooper escrevem um livro que foi publicado em 1960 e prefaciado por Jean-Paul Sartre<sup>5</sup>: *Razão e violência*.

4 Karl Jaspers (1883-1969): filósofo existencialista alemão. Acreditava que a filosofia não é um conjunto de doutrinas, mas uma atividade por meio da qual cada indivíduo pode se conscientizar da natureza de sua própria existência. Escreveu vários livros sobre os grandes filósofos do passado. Escreveu *Filosofia* (1932), *O alcance perene da filosofia* (1948) e *O caminho para a sabedoria* (1949). Começou a ensinar Psiquiatria na universidade de Heidelberg em 1913 e se tornou professor de Filosofia em Heidelberg, em 1921. Em 1948, passou a ensinar Filosofia na universidade de Basiléia, na Suíça. Sobre ele, conferir um artigo intitulado *Imaginar a paz ou sonhá-la?*, publicado na IHU On-Line 49ª edição, de 24-02-2003, e uma entrevista na 50ª edição, de 10-03-2003. (Nota da IHU On-Line)

5 Jean-Paul Sartre (1905-1980): filósofo existencialista francês. Escreveu obras teóricas, romances, peças teatrais e contos. Seu primei-

Neste livro, já aparece uma problemática da violência que ultrapassa as passagens ao ato. Em seus trabalhos, na sequência inspirados em Bateson<sup>6</sup> e sua equipe, eles dão como exemplo a violência do *double-bind* para uma criança tomada em tal coerção. Então, eu gostaria de dizer que “a violência” toma evidentemente várias formas, inclusive as mais insidiosas. Mas suponho que, no Brasil, é a violência em atos que preocupa vocês.

### Desejo suplantado pelo gozo

O desejo se tornou um conceito importante da psicanálise, principalmente com Lacan. O gozo também, ainda que este seja um conceito difícil de ser apreendido; eu creio que ele tem sua origem em *Além do princípio do prazer*, de Freud. Na verdade, este texto de Freud permitiu a Lacan dizer que o prazer faz barreira ao gozo. Nós temos, aqui, termos complexos que precisariam ser explicitados, cada um por sua vez.

Quanto à violência, há vários tipos dela, como já disse. Você utiliza o singular e até mesmo o universal, e, além disso, você a liga a conceitos difíceis, específicos, psicanalíticos. Também não sei o que você entende por “distância” entre gozo e desejo. Lacan não gostava deste termo “distância”, pois o achava vago, impreciso.

Para mim, a violência psíquica talvez deva ser correlacionada com a “insuficiência da linguagem”, ou mais precisamente, com a insuficiência das palavras, do alcance do

ro romance foi *A náusea* (1938), e seu principal trabalho filosófico é *O ser e o nada* (1943). Sartre define o existencialismo, em seu ensaio *O existencialismo é um humanismo*, como a doutrina na qual, para o homem, “a existência precede a essência”. Na *Crítica da razão dialética* (1964), Sartre apresenta suas teorias políticas e sociológicas. Aplicou suas teorias psicanalíticas nas biografias *Baudelaire* (1947) e *Saint Genet* (1953). *As palavras* (1963) é a primeira parte de sua autobiografia. Em 1964, foi escolhido para o prêmio Nobel de literatura, que recusou. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Gregory Bateson (1904-1980): cientista, antropólogo e filósofo. Sobre ele, IHU On-Line publicou o artigo *Gregory Bateson, pensamento que vive*, na edição n.º 108, de 05-07-2004, por ocasião do centenário de seu nascimento. (Nota da IHU On-Line).

## “Para mim, desejo e violência são dois termos heterogêneos na teoria psicanalítica. Além disso, o que faz com que estejamos tão certos de que há uma ‘perda de autoridade da religião’?”

que nela se percebe, da segurança que nela é instalada. O desejo não deveria ser tomado como falta na privação, operação no real, cujo agente é o pai imaginário e o objeto simbólico. Talvez aí haveria uma pista. O desejo hoje é suplantado pelo gozo; é preciso gozar, nada é proibido, e, se o desejo é desde sempre aquilo que impede de “andar em círculos”, ele está hoje, ao que parece, relegado aos arquivos do passado: impossível de se deixar desejar sem ter imediatamente um objeto ao alcance da mão que venha responder, se não antecipá-lo ou extingui-lo ao saciá-lo momentaneamente. Todavia, o desejo é um motor. Então, violência, sim! O insuportável do desejo - que uma resposta não lhe seja fornecida imediatamente, ou mesmo - oh escândalo! - que seja deixado a descoberto por um tempo demasiado - pode levar a uma expectativa, à exigência de um gozo imediato, da violência, que não encontra uma saída na mediação da reflexão.

### IHU On-Line - De que forma a perda de autoridade da religião é um dos fundamentos do binômio desejo-violência?

**Jean-Louis Chassaing** - Para mim, desejo e violência são dois termos heterogêneos na teoria psicanalítica. Além disso, o que faz com que estejamos tão certos de que há uma “perda de autoridade da religião”? Não é tão simples. Você sabe, sem

dúvida, que há um debate na França, e provavelmente não apenas entre nós, sobre esta questão. Tomo como exemplo a discussão entre Marcel Gauchet<sup>7</sup> e Régis Debray,<sup>8</sup> dois filósofos importantes, que não estão de acordo sobre esta “perda de autoridade”. Para o primeiro, há a modificação do religioso, ou até mesmo amplificação, mas é fora da instituição clássica que teria iniciado seu enfraquecimento. Para o segundo, as religiões estariam em progressão, diante das errâncias do laço social. Outras questões se colocam a respeito do que é uma “autoridade” hoje, a da religião ou outras. Mas é claro que a “autoridade da religião” foi estabelecida de modo muito firme. Podemos reler especialmente os textos de Freud *O futuro de uma ilusão* e *Psicologia das massas*. Ele fala de modo preciso da autoridade, de seu papel, de suas funções. Sem dúvida, a autoridade da religião sofre com o desenvolvimento das ciências e das técnicas. Seria necessário separar o que diz respeito aos seus desenvolvimentos necessários, inatacáveis, e o que há de imaginário que lhes está ligado, e que constituem autoridade. Mas qual? Ela é produzida como nossa “boa e velha autoridade”? Não acredito.

Para voltar à formulação de sua questão, parece-me que o termo “desejo” deve ser tomado em seu sentido estritamente preciso na teoria de Freud e de Lacan. Acredito que houve uma tendência excessiva a evocá-lo com frequência, como todos os conceitos analíticos, mas este em particular, de uma maneira

<sup>7</sup> Marcel Gauchet: filósofo francês, que com Luc Ferry é autor do livro *O religioso após a religião* (Paris: Grasset. 2004). Escreveu *Le désenchantement du monde* (Paris: Gallimard. 1985), *La condition historique* (Paris: Stock, 2003) e *Un monde désenchanté?* (Paris: L’atelier. 2004). Confira, no site do Instituto Humanitas Unisinos, [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu), Notícias do Dia, o seguinte material: “Os direitos individuais paralisam a democracia”, assegura Marcel Gauchet, em 20-02-2008, “Estamos num momento tanto de invenção religiosa como de saída da religião”, entrevista com Marcel Gauchet, em 09-02-2008, e “A França é um país profundamente deprimido”, afirma Marcel Gauchet, em 23-04-2007. (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup> Régis Debray (1940): filósofo, jornalista e professor francês. (Nota da IHU On-Line)

“popular”. O desejo em psicanálise não é a vontade, nem a simples aspiração, nem o querer. O colóquio do próximo mês de agosto sobre a *Ética da psicanálise* deveria dar alguns passos para chegar a estas distinções.

**IHU On-Line - E como o esboramento da representação política pode ser relacionado com esse fenômeno?**

**Jean-Louis Chassaing** - Mais uma afirmação! É claro que após a última votação nas eleições europeias não irei contestar a fórmula! A taxa de abstenção é instrutiva. Principalmente entre os jovens, 81% na faixa dos 18-36 anos. Mas instrutiva a respeito do quê? Do desinteresse pela Europa? Do desinteresse global pela política? Pelo fato de que muitos intelectuais pensam que os políticos não explicaram verdadeiramente o que está em jogo? Você fala de “representação” política; ainda assim, independentemente da dificuldade de traduzir em nossas línguas respectivas, seria preciso explicar melhor o termo representação. Ele não é de todo ruim, pois tem certa conotação psicanalítica, e eu diria que tudo o que é, o que é apenas representação em nossos dias peca por insuficiência. “Palavras e nada mais do que palavras” e nisso voltamos ao que eu dizia acima sobre a questão da linguagem, da insuficiência das palavras. “Sejamos concretos!”: é um slogan de longa data e que “ganha corpo”.

**IHU On-Line - Por que a relação com o outro, sustentada apenas pelo contrato social, não determina laços sociais vigorosos e viáveis?**

**Jean-Louis Chassaing** - O “contrato social” é Rousseau<sup>9</sup>. Bom, há tam-

<sup>9</sup> Jean-Jacques Rousseau (1712-1778): filósofo franco-suíço, escritor, teórico político e compositor musical autodidata. Uma das figuras marcantes do Iluminismo francês, Rousseau é também um precursor do romantismo. As ideias iluministas de Rousseau, Montesquieu e Diderot, que defendiam a igualdade de todos perante a lei, a tolerância religiosa e a livre expressão do pensamento, influenciaram a Revolução Francesa. Contra a sociedade de ordens e de privilégios do Antigo Regime, os iluministas sugeriam um governo monárquico ou republicano, constitucional e parlamentar. (Nota da IHU On-Line).

**“O laço social é aquilo que é mantido por um discurso, e não por um contrato, com o outro, mesmo que fosse escrito nas leis, o que já é certa garantia”**

bém os de Thomas Hobbes<sup>10</sup> e de John Locke,<sup>11</sup> com diferenças que eu conheço pouco. Mas o homem não pode ser dito essencialmente “bom” de início. Retomemos *O mal-estar na civilização*, de Freud, um de seus últimos textos, de 1929. Mal-estar para o homem, ao ter de civilizar-se e renunciar em parte suas pulsões. Freud via neste excesso de recalçamento a causa das neuroses. O que diria ele hoje, quando “tudo é possível”, e que o sexual está na mesa, à disposição, e os corpos estão desnudos, mesmo os cadáveres estão “deliciosamente” expostos nos museus, como observou Charles Melman<sup>12</sup>? Os

<sup>10</sup> Thomas Hobbes (1588 - 1679): filósofo inglês. Sua obra mais famosa, *O Leviatã* (1651), trata de teoria política. Neste livro, Hobbes nega que o homem seja um ser naturalmente social. Afirma, ao contrário, que os homens são impulsionados apenas por considerações egoístas. Também escreveu sobre física e psicologia. Hobbes estudou na Universidade de Oxford e foi secretário de Sir Francis Bacon. A respeito desse filósofo, confira a entrevista *O conflito é o motor da vida política*, concedida pela Profa. Dra. Maria Isabel Limongi à edição 276 da revista IHU On-Line, de 06-10-2008. O material está disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_destaque\\_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1347&idedit=7](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_destaque_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1347&idedit=7). (Nota da IHU On-Line)

<sup>11</sup> John Locke (1632-1704): filósofo inglês, predecessor do Iluminismo, que tinha como noção de governo o consentimento dos governados diante da autoridade constituída, e, o respeito ao direito natural do homem, de vida, liberdade e propriedade. Com David Hume e George Berkeley era considerado empirista. (Nota da IHU On-Line)

<sup>12</sup> Charles Melman: psicanalista francês, aluno de Lacan. É membro fundador da Association Freudienne Internationale e diretor de ensino na antiga École Freudienne de Paris. Escreveu dezenas de livros. De 17 a 19-05-2007, esteve na Unisinos proferindo o ciclo de conferências *Como alguém se torna paranóico? De Sche-*

corpos são transformados – o que algumas religiões haviam proibido! – e esta vida é a do “é meu”, “será meu corpo”, como um insulto à dívida simbólica, aquela que faz com que se receba de seus antecedentes sem escolher, o que se admite, mais ou menos bem, mas que organiza um pouco suas pulsões autoeróticas..., seu gozo muito privado.

O contrato é mais um termo que precisa ser manejado com prudência e é facilmente assimilado ao pacto. O contrato me leva a pensar no belo texto de Deleuze<sup>13</sup> sobre Sacher Masoch, que serve de prefácio de *A Vênus das peles*. Ele fala justamente do contrato no masoquista. Charles Melman lembra, com Lacan, que se trata do sujeito falando de um pacto com o Outro, e não de um contrato. O sujeito firma um pacto - não escrito - com o Outro, renuncia a uma parte de seu gozo para instalar sua inscrição na linguagem. O contrato é aqui ditatorial, o pacto pacificador.

O laço social é aquilo que é mantido por um discurso, e não por um contrato, com o outro, mesmo que fosse escrito nas leis, o que já é certa garantia. Mas é o pacto com o Outro mantido por um discurso que constitui laço social. O que feito hoje dele, do Outro, e de um discurso no sentido de uma estrutura, no sentido de um formalismo lógico? O que é esta “nova economia psíquica” desenvolvida por Charles Melman?

reber a nossos dias, numa promoção do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Foi o conferencista de abertura do *Simpósio Internacional O Futuro da Autonomia. Uma sociedade de indivíduos*, em 21-05-2007, quando falou sobre *O futuro da autonomia. Uma sociedade de indivíduos? Desafios e perspectivas*. Confira nas *Notícias do Dia* do site do IHU, em 29-08-2008 a notícia *Para ser cidadão, é preciso simplesmente consumir*, disponível para download em [http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com\\_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=16366](http://www.unisinos.br/ihu/index.php?option=com_noticias&Itemid=18&task=detalhe&id=16366). (Nota da IHU On-Line)

<sup>13</sup> Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos, singularidades, conceitos que nos impelem a transformar a nós mesmos, incitando-nos a produzir espaços de criação e de produção de acontecimentos-outros. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line - Como as drogas potencializam a falta de limite de quem quer gozar a qualquer preço?**

**Jean-Louis Chassaing** - Justamente as drogas são o paradigma do objeto apreensível de hoje, dos “objetos do mundo” como dizia Lacan ao se referir aos objetos de consumo. Mas observo o quanto você mesma, na sua formulação, está tomada nesta “modernidade”! Você a detalha através de um “que quer gozar a todo o preço”, mas é claro que as drogas têm efeitos químicos temerosos e deliciosos ao mesmo tempo - o *pharmakon*, com seu caráter de dupla face; François Perrier<sup>14</sup> falava em “*duplo objeto*” -, todavia alguns irão experimentá-lo, outros não, outros nem tocam nele ou não continuam a utilizá-lo. É mesmo “a droga que faz o drogado”, ou é “o drogado que faz a droga”? Estas fórmulas radicais devem ser nuançadas, de uma parte e de outra. O impacto químico existe, tal como um trauma na economia psíquica, seja este trauma violência e/ou calmante. Ele modifica as percepções. Ele é “do-corpo”, com pensamentos e percepções incluídas. Esta expressão, “que quer gozar a todo o preço”, deve ser igualmente nuançada, ou melhor, elaborada, pois este “querer” não é simples. E não me cabe aqui desenvolver este aspecto tão clínico.

14 François Perrier (1922-1990): psicanalista francês. A partir de 1949, empreende uma análise com Maurice Bouvet e, em 1953, participa da revolta dos alunos da Sociedade psicanalítica de Paris (SPP), e segue os fundadores da Sociedade francesa de psicanálise (SFP), da qual se torna membro associado em 1954, ano de publicação de seu primeiro texto psicanalítico, *La psychothérapie des schizophrènes*. Sua obra muito vasta aborda de maneira analítica o conjunto da clínica de uma maneira original, quer se trate das fobias (1956), da erotomania (1966), da esquizofrenia e da psicose (a partir de 1956), da histeria, da sexualidade feminina. Contribuí, também, para a reflexão sobre a formação de analistas e sobre a análise didática (1969). Alguns de seus seminários foram publicados: J. S. Biblio. Obras de François Perrier: Seminários 1971-1972: *Les corps malades du signifiant* (Interéditions, 1984, 318 p.); Seminários 1973-1974: *Double lecture, le transubjectal*, (Interéditions, 1985, 188 p.); *Le Mont-Saint-Michel* (Arcanes, 1984, 227 p.), entre outros. Fonte: CHEMAMA, R.; VANDERMERSCH, B. *Dicionário de psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos, 2007. (Nota da IHU On-Line)

**“Toxicomania não é nada mais do que uma caricatura extrema do modo de relação em nossas sociedades.**

**Responder à demanda-oferta, para gozar, sendo que essa mesma demanda-oferta é firmemente estabelecida para viciar o outro, obtendo assim o máximo de lucro possível. Quem demanda, quem oferece, tudo está misturado”**

**IHU On-Line - Como compreender a toxicomania e outros vícios no quadro de violência e frustração do sujeito pós-moderno?**

**Jean-Louis Chassaing** - A toximania não é “um vício”, mas uma doença grave. Como eu o disse acima, o impacto da droga, de seus efeitos, calmantes ou estimulantes, ou dislépticos, é uma violência. É uma violência infligida a si mesmo. Ela pode, evidentemente, ser infligida também aos outros. Seus efeitos psicofarmacológicos distorcem as percepções e induzem a um modo relacional particular. Este instaura uma relação com o outro de apreensão, de imediatismo, ou seja, não mediatizada, principalmente não mediatizada pela linguagem. O outro deve servir suas pulsões como a droga as serve,

o que induz sistematicamente a um aspecto paranoico da relação, um aspecto imediatamente persecutório, ou depressivo. O outro, como a droga, deve responder de imediato. Mas os efeitos se esgotam. O sujeito automatizado não suporta esta perda do efeito e exige, ele quer mais, e de novo. Os negociantes do mundo moderno sabem bem disso: eles têm a mesma “lógica”, a do *automaton*... Automatizado pelo objeto, o sujeito pós-moderno não vê seu desejo ao mesmo tempo se esgotar e ser irremediavelmente solicitado... efeito *pharmakon*. A toxicomania não é nada mais do que uma caricatura extrema do modo de relação em nossas sociedades. Responder à demanda-oferta, para gozar, sendo que essa mesma demanda-oferta é firmemente estabelecida para viciar o outro, obtendo assim o máximo de lucro possível. Quem demanda, quem oferece, tudo está misturado...

Do que o “sujeito pós-moderno” estaria “frustrado”? Ele tem tudo. E por ter tudo ainda lhe falta algo, então algo lhe é proposto e ele quer tomar. Mas ele ainda tem falta de algo, mesmo se não se dá conta de que está empanturrado... Mesmo não se dá conta que jamais terá este objeto perdido, conforme foi nomeado pela psicanálise. O caminho que toma, e que nossas sociedades lhe propõem tão Bem, é o caminho da morte: morte do sujeito e morte do laço social enquanto discurso. E, como os toxicômanos o demonstram, morte dos corpos.

O “sujeito pós-moderno” por se pensar (somente!) não frustrado, mas privado, perde sua capacidade de sujeito – *sub jectum*, submetido (à linguagem) – para tornar-se ele próprio “adicto” (ao objeto, no sentido do direito romano), aprisionado pelo corpo.

**IHU On-Line - O que a “intoxicação” do sujeito pós-moderno demonstra sobre sua subjetividade?**

**Jean-Louis Chassaing** - A intoxicação não demonstra nada! O que nos dizem estas condutas é que não há mais muito de sintoma em nossas clí-

nicas, mas passagens ao ato, “atuações”, agitações, impulsões mais do que reflexões, ou então inibições. Freud escreveu *Inibição, sintoma e angústia*. O sintoma é algo que depende de nossa subjetividade, de nossa relação com a linguagem, com o Outro. A inibição consiste na dificuldade do movimento, da decisão, do engajamento, frente ao risco do ato, mas no sentido psicanalítico. Lacan explica e desenvolve maravilhosamente tudo isso, em um seminário sobre *O ato psicanalítico* e outro seminário sobre *A angústia!* Ele antecipou tudo, e havia precisamente compreendido o que acontecia. A angústia é um afeto, como é a depressão. Estamos mais sob o regime destes afetos que sob aqueles dos sintomas, que estão mais diretamente ligados à linguagem e ao Outro. Aliás, Freud distinguia em uma época, depois ele mudou e retornou a isso, psicose, ligadas ao recalçamento de significantes, e neuroses atuais, nas quais situava angústia e toxicomanias, ligadas aos movimentos da energia sexual, ou seja, ao gozo, ao prazer, mais do que às palavras, ao jogos das palavras, ao recalçamento. Será que nossa época é a do gozo, principalmente do corpo, mais do que a do jogo das palavras, mais do que ao gozo fora do corpo, que é o gozo fálico?

**IHU On-Line - Com base em Lacan, por que o mal-estar do homem moderno se encontra cindido entre linguagem e fala? Quais são os três paradoxos que Lacan apresenta quando se refere à cisão entre linguagem e fala?**

**Jean-Louis Chassaing - Você faz referência, em suas questões, a uma entrevista do tutorial Mario Fleig,<sup>15</sup>**

<sup>15</sup> **Mario Fleig:** filósofo e psicanalista brasileiro. É professor do curso de pós-graduação em Filosofia da Unisinos e membro da Associação Lacaniana Internacional. Escreveu *O desejo perverso* (Porto Alegre: CMC Editora, 2008) e é um dos organizadores de *O futuro do ódio* (Porto Alegre: CMC Editora, 2008). Confira as entrevistas concedidas por Fleig à revista IHU On-Line: *As modificações da estrutura familiar clássica não significam o fim da família*, edição 150, de 08-08-2005, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158349466.22word.doc>; *Freud e a desco-*

na qual ele faz referência ao “Discurso de Roma” de Lacan, denominado de “Função de campo da fala e da linguagem em psicanálise”, publicado nos *Escritos*. A fala tem uma função neste campo que é a linguagem. O discurso é outra coisa, como comecei a indicar antes. Há linguagem, fala e discurso. E estes termos têm significações bem precisas e diferentes uma das outras na teorização de Lacan. Teorização que lembro ser a de um clínico, de um analista prati-

**“O ‘sujeito pós-moderno’ por se pensar (somente!) não frustrado, mas privado, perde sua capacidade de sujeito – *sub jectum*, submetido (à linguagem) – para tornar-se ele próprio ‘adicto’ (ao objeto, no sentido do direito romano), aprisionado pelo corpo”**

*berta do mal-estar do sujeito na civilização*, edição 179, de 08-05-2006, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158353711.51word.doc>; *Ah, não vai dar nada!*, edição 185, de 19-06-2006, disponível para download em <http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158351893.95word.doc>; *O delírio de autonomia e a dissolução dos fundamentos da moral*, edição 220, de 21-05-2007, disponível para download em [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=407](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=407); *“Querer fazer o mal parece algo inerente à condição humana”*, edição 265, de 21-07-2008, disponível para download em [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1174](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1174) e *Não cedas do teu desejo: é preciso sustentarmos o que falamos com voz própria*, edição 295, de 01-06-2009, disponível para download em [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_destaque\\_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1645&idedit=7](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_destaque_semana&Itemid=24&task=detalhes&idnot=1645&idedit=7). (Nota da IHU On-Line)

cante como Freud. O homem sempre esteve submetido, enquanto sujeito, à linguagem, ao mesmo tempo à linguagem e à fala, uma como campo e a outra como função. Também está evidentemente submetido – *sub jectum* – a um discurso que é o que constitui laço social. Lacan definiu vários, quatro e um. Qual seria o discurso no qual está tomado o sujeito de hoje? Há ainda um discurso que possa orientá-lo?

Com estes três paradoxos você me “incomodou” bastante, mas com suas indicações e as de Fleig, consultei o texto de Lacan. Os paradoxos não dizem respeito à divisão do sujeito “entre linguagem e discurso”, mas às relações no sujeito da fala e da linguagem, o que é bem diferente e mais compreensível (ah, esta linguagem lacaniana! Mas, como toda disciplina, é necessário o seu estudo). O primeiro paradoxo faz menção à psicose, com a “liberdade negativa de uma fala que renunciou a se fazer reconhecer”, e com o delírio, “que objetiva o sujeito em uma linguagem sem dialética”. O segundo paradoxo dá lugar à neurose com uma fala que desertou “o discurso concreto que ordena a consciência” para se prender às “funções naturais do sujeito”. Há sinais de inibição, sintoma e angústia aqui. O terceiro paradoxo é interessante e é, sem dúvida, o que motivou todas as suas questões desde a primeira. Ele estabelece a objetivação do discurso pela ciência, o que “faz o sujeito perder seu sentido”. O texto de Lacan é interessante, até mesmo apaixonante, mas, sobretudo, muito atual, ainda que proferido em setembro de 1963.

Eis algumas reflexões que suas interrogações me inspiram, sem exatamente dar respostas precisas às mesmas. Há um rigor conceitual, ao qual se ligava muito Lacan psicanalista, não verdadeiramente ao conceito, mas à lógica de seu procedimento, e, é claro, suas afirmações são tão importantes que constituem parâmetros face às errâncias atuais de um laço social que continua ainda um pouco vago ou até mesmo louco! Obrigado por sua coragem, à qual eu tento responder com a minha!

## Redes sociais são grupos de atores

Para a especialista em redes sociais na internet, o site mais popular, atualmente, no mundo, é o Facebook, mas, no Brasil, ainda é o Orkut

POR GRAZIELA WOLFART | FOTO DIVULGAÇÃO

**A**utora do recém-lançado livro *Redes Sociais na internet* (Porto Alegre: Sulina, 2009), a professora do curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) Raquel Recuero concedeu a entrevista que segue, por e-mail, para a IHU On-Line, falando sobre a obra e sobre o tema das redes sociais na web que, para ela, “são muito mais perenemente conectadas, e proporcionam que os atores envolvidos, assim, tenham mais acesso à informação, à conversação e consigam ampliar as formas de angariar valores sociais”. Assim, continua ela, “temos muitas diferenças quando observamos o campo da mediação em relação às redes offline, principalmente a complexificação das redes (mais conectadas) e dos fluxos de informação (maior circulação)”. Recuero ainda acrescenta que “a Internet tem proporcionado um espaço para a conexão entre os grupos sociais, maior circulação de informação e, com isso, uma maior ação coletiva”.

Raquel Recuero é graduada em Jornalismo, pela UCPel, e em Direito, pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Dedicada a pesquisas sobre redes sociais e comunidades virtuais na internet, conversação e fluxos de informação e capital social no ciberespaço e jornalismo digital, cursou mestrado e doutorado em Comunicação e Informação, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente, é professora e pesquisadora dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e do Programa de Pós-Graduação em Letras, com concentração em Linguística Aplicada, da UCPel. Ela também mantém a página eletrônica Social Media, <http://pontomidia.com.br/raquel/>. É uma das organizadoras de *Blogs.com: Estudos sobre blogs e comunicação* (São Paulo: Momento, 2009). Confira a entrevista.



**IHU On-Line - Quais são as principais questões teóricas trazidas no livro e voltadas aos atores, ao capital social e às estruturas das redes sociais?**

**Raquel Recuero** - No livro, eu foco um pouco a questão teórica a respeito do que são redes sociais e como podem ser observadas na Internet, bem como faço um levantamento dos estudos a respeito do assunto. Também discuto, depois, teorias a respeito dessas redes e as aplicações do conceito de rede social para a Internet que abrange conceitos como capital social e estrutura de redes.

**IHU On-Line - Hoje, qual seria a rede social de maior popularidade no Brasil e no mundo? Qual a autoridade e a reputação de sites como Fotolog, o Flickr, o Orkut, o Twitter**

**e o Facebook?**

**Raquel Recuero** - Eu considero que redes sociais são grupos de atores. Sites de redes sociais são as mediações desses grupos de atores. Assim, o site mais popular, atualmente, é o Facebook, que tem um uso muito mais amplo em países diversos. No Brasil, é claro, é o Orkut. Sobre autoridade e reputação, para mim, esses são conceitos associados ao uso que os atores fazem das ferramentas e não a elas. Assim, para se saber que tipo de autoridade existe, é preciso estudar caso a caso a utilização das ferramentas.

**IHU On-Line - Que novos campos de relacionamento se abrem com a internet?**

**Raquel Recuero** - As redes sociais na Internet são muito mais perenemen-

te conectadas, e proporcionam que os atores envolvidos, assim, tenham mais acesso à informação, à conversação e consigam ampliar as formas de angariar valores sociais. Assim, temos muitas diferenças quando observamos o campo da mediação em relação às redes off-line, principalmente a complexificação das redes (mais conectadas) e dos fluxos de informação (maior circulação).

**IHU On-Line - Quais os impactos que as redes sociais na internet têm provocado na sociedade offline?**

**Raquel Recuero** - A Internet tem proporcionado um espaço para a conexão entre os grupos sociais, maior circulação de informação e, com isso, uma maior ação coletiva. Acho que isso é muito importante, pois novos espaços de comunicação acabam por surgir, e

“As redes sociais na mediação da Internet vão ampliar os espaços de discussão e, com maior circulação de informações, podem auxiliar a desenvolver o espírito crítico nesses debates”

com isso, vemos mais movimentos no sentido de mobilizar a sociedade também. Mas é claro que esses não são os únicos impactos. Há milhares de impactos que dificilmente poderiam ser resumidos aqui. Citei só alguns que acho importantes.

**IHU On-Line - Em que sentido as redes sociais na Internet podem ser apontadas como instrumentos de colaboração e de produção de conhecimento? Como devemos aprender a usá-los para ampliarmos a nossa ação sobre o mundo?**

**Raquel Recuero** - As redes sociais na mediação da Internet vão ampliar os espaços de discussão e, com maior circulação de informações, podem auxiliar a desenvolver o espírito crítico nesses debates. Claro que isso depende muito do uso e da relação que as pessoas têm com as ferramentas. Isso vem com educação, com apropriação das ferramentas, com leituras, com estímulo à participação e à expressão.

**IHU On-Line - Como surgiu a ideia de disponibilizar o livro em um site e com uma versão PDF para download, além de um aplicativo para iphone? Trata-se de uma defesa à proposta de que o conhecimento é livre (free)? Qual é a sua postura nesse sentido?**

**Raquel Recuero** - A proposta surgiu da empresa que fez a capa do livro, a Cubo. Fizemos assim porque acreditamos que o PDF iria auxiliar na divulgação do livro e também porque acreditamos que a informação deve ser livre. Em meu blog, sempre procuro divulgar os resultados das minhas pesquisas, bem como meus artigos e produções acadêmicas. O objetivo é o mesmo, divulgar a infor-

mação e ampliar a discussão sobre o assunto.

**IHU On-Line - Que relação podemos estabelecer entre as redes sociais na internet e a democracia política?**

**Raquel Recuero** - As redes podem reduzir a necessidade de mediações na democracia. Penso que talvez um dia, possamos acompanhar bem mais de perto o que fazem os candidatos e os políticos e atuar diretamente em muitas decisões tomadas, de forma democrática, pelo voto. Além disso, as redes sociais serão também espaços de discussão de ampliação da esfera pública, o que, em minha opinião, é bastante democrático.

**IHU On-Line - Qual sua opinião sobre a liberação pela lei eleitoral de Orkut, MSN e facebook nas eleições do ano que vem? O que isso significa?**

**Raquel Recuero** - Penso que era necessário, pois o uso já acontecia mesmo sem a autorização da lei. Significa que as campanhas terão que atuar de forma mais próxima aos leitores, com a participação direta dos candidatos nessa construção de relacionamento. Também implica no fato de que as pessoas vão saber mais, vão discutir mais as plataformas nesses espaços, ao menos, aquelas que estão na rede.

#### LEIA MAIS...

>> Confira outra entrevista concedida por Raquel Recuero:

\* *“O suporte da internet mudou o processo social”*, publicada na IHU On-Line número 290, de 20-04-2009 e disponível no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1574&id\\_edicao=318](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1574&id_edicao=318).

Confira o novo Cadernos IHU Ideias número 119, intitulado  
A espiritualidade como fator de proteção na adolescência

DISPONÍVEL EM WWW.UNISINOS.BR/IHU

## Destques On-Line

Essa editoria veicula entrevistas que foram destaques nas *Notícias do Dia* do sítio do IHU. Apresentamos um resumo delas, que podem ser conferidas, na íntegra, na data correspondente.

**Entrevistas especiais feitas pela IHU On-Line e disponíveis nas Notícias do Dia do sítio do IHU ([www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)) de 23-06-2009 a 03-07-2009.**

**Brizola tinha muito medo de morrer**

Entrevista especial com F.C. Leite Filho, jornalista, assessor de imprensa na Liderança do PDT

Confira nas Notícias do dia 23-06-2009

Na semana dos cinco anos de falecimento de Leonel Brizola, o autor do perfil biográfico do político brasileiro fala da sua personalidade, de sua luta e do seu legado.

**Conferência Nacional de Comunicação: os primeiros desafios**

Entrevista com Jonas Valente, jornalista, representante da Intervozes

Confira nas Notícias do dia 24-06-2009

A organização da Conferência de Comunicação, que será realizada em dezembro deste ano, está em plena atividade, realizando encontros e debatendo temáticas. Os primeiros problemas estruturais para a realização deste evento se apresentam, mas não desmotivam aqueles que lutam por sua realização.

**A saúde do trabalhador numa grande empresa automobilística**

Entrevista especial com Alfredo Gonçalves, diretor do departamento de saúde do trabalhador da FGM, e depoimento de João Carlos Fragoso, ex-empregado da GM

Confira nas Notícias do dia 26-06-2009

“O processo produtivo (da GM) já deixou trabalhadores na faixa de 20 a 25 anos com graves problemas. Alguns chegam a ter dez parafusos na coluna, afirma o diretor da Federação Gaúcha de Metalúrgicos. Segundo ele, “se a GM um dia for embora, irá deixar uma legião de trabalhadores lesionados”. Segue um depoimento de um ex-trabalhador da GM.

**Um veneno chamado bisfenol A.**

Entrevista com Luiz Jacques Saldanha, engenheiro agrônomo e ambientalista

Confira nas Notícias do Dia 30-06-2009

Conhecido como uma substância utilizada nos plásticos, o bisfenol A tem sido alvo de críticas depois da comprovação dos malefícios que causa aos humanos e ao meio ambiente.

**Congresso dos Petroleiros num assentamento do MST.**

Entrevista com João Antônio de Moraes, coordenador da Federação Única dos Petroleiros

Confira nas Notícias do Dia 01-07-2009

A realização do Congresso Nacional dos Petroleiros num assentamento do MST significa que a luta pela soberania nacional em torno do petróleo e do gás brasileiro deve ser unificada.

**Incidente em Angra 2. “Fiscalizar somente a indústria nuclear é um ato preconceituoso e discriminatório”.**

Entrevista com Guilherme Camargo, engenheiro nuclear e presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear (ABEN)

Confira nas Notícias do Dia 02-07-2009

Segundo o presidente da Associação Brasileira de Energia Nuclear, o incidente nuclear que ocorreu em maio na usina Angra 2 deve ser classificado como “não-assunto”, pois não representou qualquer risco à população e ao meio ambiente.

**Honduras. “No movimento popular, sobretudo, há um grande medo.”**

Entrevista com Antonio Pedraz, padre jesuíta que vive em Honduras

Confira nas Notícias do Dia 03-07-2009

“Foram as outras correntes do Partido Liberal que derubaram o movimento de Mel Zelaya”, diz o jesuíta que vive em Honduras.

Leia as Notícias  
do Dia em  
[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)

## Cadernos IHU em formação: novidade em formato digital



Para atender a demanda de leitores e leitoras em fazer o download imediato de cada nova edição dos **Cadernos IHU em formação**, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU disponibiliza em sua página eletrônica a publicação em formato digital, completa, para ser salva no computador de quem se interessar, gratuitamente e imediatamente após o seu lançamento.

Os **Cadernos IHU em formação** é uma publicação de periodicidade mensal, que reúne entrevistas e textos produzidos pelo IHU e que já foram anteriormente veiculados, tanto na revista **IHU On-Line** quanto nas **Notícias do Dia**. Trata-se de uma publicação que reúne especialistas de diversas áreas para debater, sob diferentes olhares, temas atuais. O principal serviço que presta é a seleção criteriosa de diversas entrevistas feitas em diferentes momentos, sobre um mesmo tema, proporcionando ao leitor uma análise ampla e crítica das mais variadas áreas do conhecimento.

Em função da novidade, a publicação não terá mais sua versão impressa em papel. Para acessar e baixar em seu computador a mais recente edição dos **Cadernos IHU em formação**, em formato digital, intitulada *A crise mundial do capitalismo em discussão*, basta acessar o sítio [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu) e procurar, no menu à esquerda da tela, o item "Publicações". No mesmo local é possível encontrar todas as edições anteriores desta e das demais publicações do Instituto Humanitas Unisinos – IHU.

## Religiões do Mundo

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em parceria com o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil, promove a exibição de uma série de sete documentários organizados e apresentados pelo teólogo Hans Küng, intitulada **Religiões do Mundo**. O projeto contempla as três maiores correntes religiosas presentes no Planeta: as religiões da sabedoria de origem chinesa (Confucionismo e Taoísmo), as religiões da mística de origem indiana (Hinduísmo e Budismo) e as religiões da profecia de origem no Oriente Médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). A obra foi gravada nas grandes capitais religiosas do mundo.

### Exibições no IHU

As exibições iniciam no dia 10-08-2009 e se estendem até 08-10-2009. Na sala 1G 119, no IHU, a mostra está marcada para as sextas-feiras, das 16h às 18h. Em agosto, o evento ocorre nos dias 07, 14, 21 e 28. Em setembro, as apresentações acontecem em 04, 18 e 25. Todas as sessões serão comentadas por líderes religiosos que irão apresentar as peculiaridades de cada religião. Entre os participantes já estão confirmados o Prof. **Guershon Kwasniewski**, da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência; Reverendo **Jessé Castro Ramos**, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; Pastor **Joe Marçal Gonçalves dos Santos**, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB; **Swami Krishnapriyananda Saraswati**, presidente latino-americano da Sociedade Internacional Gita; Mestre **Adriano Jagmin D'Ávila**, do Centro Cultural Tão; Babalorixá **Dejair Haubert**, da Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás; lalorixá **Dolores Dorneles Senhorinha**, da Associação Africanista Santo Antônio de Categeró; Monja **Kokai**, da Zen-Budismo; **Ricardo Strauch Aveline** e **Henrique Lemes da Silva**, do Instituto Caminho do Meio.

### Casa de Cultura Mario Quintana

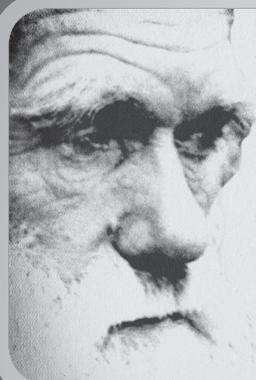
A Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, também exibirá os documentários com sessões comentadas às quintas-feiras, das 19h às 21h. Em agosto, os vídeos serão exibidos nos dias 20 e 27. Em setembro, o evento acontece em 03, 17 e 24 e as últimas sessões ocorrem nos dias 1º e 08 de outubro.

### Documentários na TV Unisinos

A TV Unisinos (Canal 32 da Net ou 30 em UHF) exibirá os documentários de 10-08-2009 a 21-09-2009, sempre às segundas-feiras, às 18h. Mais informações em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).



**EM SETEMBRO, O INSTITUTO  
HUMANITAS UNISINOS - IHU -  
TRAZ DOIS GRANDES  
SIMPÓSIOS INTERNACIONAIS.**



**ECOS DE DARWIN  
9 A 12/9**

**NARRAR DEUS NUMA  
SOCIEDADE PÓS-METAFÍSICA  
14 A 17/9**

Informações e inscrições: [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)



PARTICIPE DO COLÓQUIO  
INTERNACIONAL A ÉTICA DA  
PSICANÁLISE: LACAN ESTARIA  
JUSTIFICADO EM DIZER “NÃO  
CEDAS DE TEU DESEJO”? [NE  
CÈDE PAS SUR TON DÉsir]?  
INSCRIÇÕES ABERTAS NO SITE  
[WWW.UNISINOS.BR/IHU](http://WWW.UNISINOS.BR/IHU).

## IHU Repórter

## Gisele Rodrigues da Silva Ferrasso

POR MÁRCIA JUNGES | FOTOS ARQUIVO PESSOAL

Sua fala é tranquila, segura. O estilo de vestir, inconfundível, passa longe do padrão massificado das lojas de rede. Ela mesma customiza suas roupas e confecciona bijuterias que vende para complementar sua renda. Definitivamente, Gisele Rodrigues da Silva Ferrasso, a Gisa do Laboratório de Editoração Eletrônica (LEE), da Unidade de Ciências da Comunicação, é uma publicitária que tem muito a nos fazer refletir sobre como lidamos com a sociedade consumista e descartável em que vivemos. Nascida em Portão e funcionária da Unisinos há 16 anos, Gisa se preocupa com a falta de valores voltados ao ser, à ética que parece ter sumido da política e da mídia em geral. Precisamos de uma vida mais simples, disse ela à IHU On-Line. Confira a entrevista.



**Origens** - Nasci em Portão, e vivi lá até os 20 anos, quando vim para São Leopoldo para estudar. Quando eu era criança, a cidade não tinha quase nada, era muito pequena e sem opções. Não tinha nenhuma lancheria para se ir. Tudo era feito em São Leopoldo, Porto Alegre ou Novo Hamburgo. Hoje, Portão já está mais evoluída.

**Família** - Meus pais, Eloy Rodrigues da Silva e Carmen Dione Oliveira da Silva, continuam morando em Portão. Minhas irmãs, Jussara e Simone, também moram lá. Tenho uma sobrinha, a Tábata, com 3 anos, filha da Simone e uma sobrinha-neta, a Rebeca, com 2 anos, filha do meu sobrinho Fábio, que regula em idade comigo. Eu procuro dar o máximo possível de atenção e afeto aos meus pais. Tento me dedicar, acompanhando-os nas idas ao médico, tomando um chimarrão, conversando. Essa é a hora de darmos a eles o cuidado que nos ofereceram quando éramos pequenas. Os papéis se invertem com o passar do tempo.

**Casamento** - Sou casada há 7 anos com Suliano Ferrasso. Nos conhecemos há 8 anos. Penso que somos almas gêmeas. Demorou até que eu encontrasse alguém como ele, uma pessoa tranquila, de bom convívio. De casa, o apelido dele é Chu. Troquei de nome quando casamos, e agora me chamo Gisele Rodrigues da Silva Ferrasso, algo bem “mexicano”, que combina com minha estética *kitsch*. O Chu é estudante de Biologia hoje, na Unisinos, e trabalha na pesquisa no Instituto Anchietano, da universidade. Antes, trabalhava na empresa metalúrgica do pai dele.

**Vida simples** - Nossa sociedade está voltada a falsos valores, deturpados, sobretudo entre os adolescentes. Como trabalhei por seis anos lecionando informática para adolescentes em cursos técnicos, tenho essa realidade bem presente. Esses jovens têm valores muito apegados à televisão, à novela, a ídolos da MTV, pessoas que geralmente têm um caráter duvidoso, vidas desregradas e vazias.

Há, também, um enfoque demasiado aos bens materiais, ao consumo exacerbado, aos valores do ter, ao invés de valores do ser. Penso que seria importante as pessoas pararem para refletir melhor sobre suas vidas, sobre o seu ser, de como estão lidando com suas próprias existências, do que querem de verdade para si mesmas, para os outros e para o mundo. Precisamos ter uma vida mais simples. Costumo dizer que meu livro de cabeceira é *A vida nos bosques*, de Henry Thoreau, que li na adolescência. Essa obra me marcou muito. Nos apegamos e sofremos demais para termos coisas materiais que, na verdade, muitas vezes são inúteis e desnecessárias. Para que sofrer para ter certas coisas?

**Bijuterias** - Comecei a me interessar por bijuterias quando tinha 12 anos. Ganhei uma lata daquelas antigas dos biscoitos São Luís, cheia de bijuterias que eram da minha tia-avó. Eram peças lindas, de cristal, em estilo vitoriano, com rosas, bem delicadas. Então, comecei a brincar

com aquelas peças, porque eu ainda era uma menina. Desmanchei colares e fiz pulseiras. Criava novos modelos. Quando comecei a trabalhar fora, as pessoas notavam que eu usava essas coisas inusitadas, e comentavam que achavam bonito. Queriam saber onde eu tinha comprado. Pediam para eu fazer uma peça para elas também. Isso me incentivou a ler revistas especializadas e aprender mais técnicas, o manuseio das ferramentas, buscar onde comprar materiais para a montagem. Eu e minhas irmãs ajudávamos nossa mãe a bordar faixas de miss com lantejoulas e missangas. Sei fazer tricô, crochê, costura, bainha, pregar botões, costurar à máquina. Hoje, “desopilo” minha mente com esses trabalhos, e tenho retorno financeiro a partir deles.

**“Refuncionalização”** - Estou fazendo um trabalho com sucata, transformando-a em bijuterias diferentes, inusitadas. Hoje em dia, se coloca muita coisa fora que pode ser reaproveitada. Este colar que estou usando, por exemplo, foi feito com sucata de bolsas. Garimpo peças com sucateiros. Isso me dá muita alegria, é um prazer poder “refuncionalizar” uma peça, transformando-a num produto comercializável e esteticamente bonito. Distribuo meus produtos em alguns pontos de vendas e também comercializo-os pela internet. E já tenho uma clientela que conhece minhas bijus, que as procuram para ver novidades, comprar um presente.

Do estresse surgem boas ideias. Eu queria fazer algo que me desse um retorno financeiro legal, sem demandar presença física ou trabalho intelectual pesado. E foi nas bijuterias que encontrei esse nicho. Não preciso sair de casa, posso usar meu tempo livre para a família. Na verdade, fazer essas peças é terapêutico para mim. É um tempo no qual eu “desligo”, crio.

**O retorno** - Eu havia parado de fazer as bijuterias. Na época em que lecionei no Colégio Coração de Maria, de 2001 a 2007, participei de um projeto de reaproveitamento de sucatas, na Vila Duque, em São Leopoldo. Ali, recomecei a fazer meu trabalho com

um novo enfoque. Acho interessante lembrar que nesse projeto, apoiado pela antiga pastoral da Unisinos, também havia um grupo de mulheres da Feitoria para o qual eu dava aulas. Reunia essas mulheres, que não tinham muita perspectiva de trabalho, e incentiva-as a transformar materiais considerados rejeitados em produtos que pudessem render dinheiro. Mais tarde, reencontrei algumas delas e fiquei feliz ao descobrir que elas estavam refuncionalizando roupas de jeans. Elas tiveram outra visão estética a partir dos encontros que tivemos. São sementes que plantamos para melhorar o mundo.

**“Hoje, nós mesmos podemos fazer nossa moda, criar tendências, lançar um estilo. Isso pode ser transmitido para as crianças, os adolescentes, de que não é necessário jogar fora uma roupa. Ela pode ser transformada em algo diferente e muito legal”**

**Mundo *craft*** - Hoje, há grupos de mulheres na internet que são formadas, pós-graduadas e que, por algum motivo, pararam de trabalhar, seja por necessidade de cuidar dos filhos, da casa, ou porque se cansaram da rotina das empresas, e que ainda cultivam habilidades manuais. Um exemplo disso pode ser encontrado no site Superziper (<http://superziper.blogspot.com>). É a chamada moda *craft*,

que customiza roupas e acessórios que já temos, ou seja, transformando-os, através de detalhes que os tornem diferentes e atrativos. Tenho um casaco que tem 50 anos, e customizei-o para poder usá-lo. Hoje, nós mesmos podemos fazer nossa moda, criar tendências, lançar um estilo. Isso pode ser transmitido para as crianças, os adolescentes, de que não é necessário jogar fora uma roupa. Ela pode ser transformada em algo diferente e muito legal. Apesar da minha formação em Publicidade e Propaganda, crítico o consumo excessivo, traço forte de nossa sociedade, que quer que compremos muito e a toda hora. É o caso dos celulares. Eu, por exemplo, uso meu celular para falar. Minha máquina fotográfica serve para tirar fotos. Parece óbvio falar disso, mas não é. As coisas perderam sua função, e eu tento utilizar o que tenho até que isso não seja mais possível, caso contrário sei que estou produzindo mais lixo.

**Marcel Duchamp** - É aí que eu retomo o uso da sucata nas bijuterias. Certa vez, em 1997, fiz uma exposição aqui na Unisinos com coisas criadas a partir de objetos encontrados no lixo. Um botão de roupas virou um anel. Colares, pulseiras diferentes surgiram a partir disso. Tive vontade de refuncionalizar os materiais, baseada nas ideias lançadas por Marcel Duchamp<sup>1</sup> em suas obras de arte modificadas, causando surpresa e estranheza. Nisso, certamente as aulas da professora Suzana Kilpp foram essenciais, com as discussões que suscitaram.

**Filmes** - Chu e eu adoramos ver filmes. Esse foi um ponto de aproximação forte quando nos conhecemos. Pela comodidade, locamos DVDs e assistimos em casa. Também gostamos

<sup>1</sup> **Marcel Duchamp** (1887-1968): pintor e escultor francês. Sua obra mais conhecida é a Fonte, na verdade um urinol comum, branco e esmaltado, comprado numa loja de construção. Confira algumas considerações sobre esse artista na edição 220 da revista IHU On-Line, na entrevista concedida por Affonso Romano de Sant’Anna, intitulada “Pensar que o artista é mais livre que um engenheiro é uma temeridade”, disponível para download no link [http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com\\_tema\\_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=403](http://www.unisinos.br/ihuonline/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=403). (Nota da IHU On-Line)



“Comecei a me interessar por bijuterias quando tinha 12 anos. Ganhei uma lata daquelas antigas dos biscoitos São Luís, cheia de bijuterias que eram da minha tia-avó. Eram peças lindas, de cristal, em estilo vitoriano, com rosas, bem delicadas”

>> ESTILO VITORIANO: REFERÊNCIA RECORRENTE NOS TRABALHOS DE GISA

de cozinhar como hobby, testando receitas e degustando sabores diferentes. Aliás, foi cozinhando que conheci meu marido. Ele estava preparando um almoço. É importante que o homem também saiba e goste de fazer esse tipo de coisas. Eu, particularmente, tenho um livro de receitas que venho compondo desde os 12 anos, recortando e colando cromos, imagens *vintage*, escrevendo receitas que sejam aprovadas como especiais. É um livro em permanente construção.

**Política, mídia e jeitinho** - Entristece-me perceber que, como quase tudo em nosso país, a política é fruto de uma falta geral de educação, conduzida por pessoas que não dão valor à cultura. Para dar um exemplo bem recente e polêmico, falo na revogação da obrigatoriedade do diploma de jornalismo. Isso é um retrocesso, ato de pessoas ignorantes. Se agora os jornais não forem mais feitos por jornalistas, imagine o que nos aguarda. Se qualquer um pode ser jornalista, até a Íris Stefanelli, ex-

Big Brother, que hoje é apresentadora de televisão, irá se lançar à profissão. Minha pergunta é: será que uma pessoa assim tem condições de ser uma comunicadora, transmitir ideias, multiplicar conhecimento e comportamento? O que acho ainda pior em tudo isso é a multiplicação de comportamentos duvidosos. E, querendo ou não, essas pessoas na mídia são muito visadas e seguidas.

Vejo, ainda, o quanto se valoriza o jeitinho brasileiro. No Brasil impera essa cultura. Esse tipo de atitude ganha espaço em programas como os *reality shows*: pessoas sem educação se articulando através de um vocabulário chulo, sem valores. É uma enxurrada de maus exemplos. As pessoas esquecem dos valores essenciais, assim como esquecem em quem votaram nas últimas eleições. A política brasileira é, portanto, reflexo dos eleitores. Infelizmente, fazer projetos e executá-los, em benefício das pessoas e do planeta, não está na moda, não dá ibope.

**Unisinos** - Sou publicitária graduada pela Unisinos, em 2000/1 e especialista em Tecnologias da Informação, pela PUC, em 2005/2. Trabalho aqui há 16 anos, completados dia 5 de junho. É uma vida. Aqui é um bom lugar para se conhecer pessoas, fazer amigos, evoluir intelectualmente. No LEE (Laboratório de Editoração eletrônica, que pertence à Gerência de Serviços de Informação, GSI), onde trabalho, faço muitas amizades, pois acaba-se criando afinidades com professores, funcionários e alunos que atendemos diariamente. Gosto disso. É interessante que aqui se conhece pessoas que nos influenciam para o resto da vida.

**IHU** - Acompanho e gosto da revista **IHU On-Line**. É uma publicação variada e importante. Também costumo acompanhar e participar da programação de eventos do IHU, que é bem rica e promove a reflexão, algo que falta em nossos dias.

# Destaques

## Religiões do Mundo

O Instituto Humanitas Unisinos - IHU, em parceria com o Escritório da Fundação Ética Mundial no Brasil, promove a exibição de uma série de sete documentários organizados e apresentados pelo teólogo Hans Küng, intitulada **Religiões do Mundo**. O projeto contempla as três maiores correntes religiosas presentes no Planeta: as religiões da sabedoria de origem chinesa (Confucionismo e Taoísmo), as religiões da mística de origem indiana (Hinduísmo e Budismo) e as religiões da profecia de origem no Oriente Médio (Judaísmo, Cristianismo e Islamismo). A obra foi gravada nas grandes capitais religiosas do mundo.



## Exibições no IHU

As exposições iniciam no dia 10-08-2009 e se estendem até 08-10-2009. Na sala 1G 119, no IHU, a mostra está marcada para as sextas-feiras, das 16h às 18h. Em agosto, o evento ocorre nos dias 07, 14, 21 e 28. Em setembro, as apresentações acontecem em 04, 18 e 25. Todas as sessões serão comentadas por líderes religiosos que irão apresentar as peculiaridades de cada religião. Entre os participantes já estão confirmados o Prof. **Guershon Kwasniewski**, da Sociedade Israelita Brasileira de Cultura e Beneficência; Reverendo **Jessé Castro Ramos**, da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil; Pastor **Joe Marçal Gonçalves dos Santos**, da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB; Swami **Krishnapriyananda Saraswati**, presidente latino-americano da Sociedade Internacional Gita; Mestre **Adriano Jagmin D'Ávila**, do Centro Cultural Tão; Babalorixá **Dejair Haubert**, da Sociedade Beneficente Ilê dos Orixás; Ialorixá **Dolores Dorneles Senhorinha**, da Associação Africanista Santo Antônio de Categeró; Monja **Kokai**, da Zen-Budismo; **Ricardo Strauch Aveline** e **Henrique Lemes da Silva**, do Instituto Caminho do Meio.

## Casa de Cultura Mario Quintana

A Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, também exibirá os documentários com sessões comentadas às quintas-feiras, das 19h às 21h. Em agosto, os vídeos serão exibidos nos dias 20 e 27. Em setembro, o evento acontece em 03, 17 e 24 e as últimas sessões ocorrem nos dias 1º e 08 de outubro.



## Documentários na TV Unisinos

A TV Unisinos (Canal 32 da Net ou 30 em UHF) exibirá os documentários de 10-08-2009 a 21-09-2009, sempre às segundas-feiras, às 18h. Mais informações em [www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu).

Apoio:



IHU Contracapa